



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO – MPEDU

ISAAC DE OLIVEIRA MAGALHÃES E SILVA

**NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS DE EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS DE
TRANSGÊNEROS NO CANDOMBLÉ**

CRATO-CEARÁ

2022

ISAAC DE OLIVEIRA MAGALHÃES E SILVA

**NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS DE EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS DE
TRANSGÊNEROS NO CANDOMBLÉ**

Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA), para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Formação de professores

Linha de Pesquisa: Práticas educativas, culturas e diversidades

Sublinha: Gênero, educação, sexualidades e diferenças

Orientador: Prof. Dr. Glauberto da Silva Quirino

CRATO-CEARÁ

2022

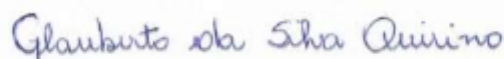
ISAAC DE OLIVEIRA MAGALHÃES E SILVA

**NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS DE EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS DE
TRANSGÊNEROS NO CANDOMBLÉ**

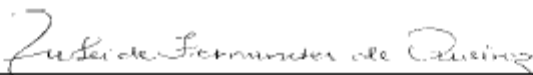
Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA), como parte do requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em: 07 de Janeiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Glauberto da Silva Quirino
Orientador - MEPDU/URCA



Prof.ª Dra. Zuleide Fernandes de Queiroz
Membro Interno do Programa MEPDU/URCA/UFCA



Prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima
Membro Externo do Programa MEPDU/UFCA

*Tempo diz pra tempo que tempo dará.
Cada coisa no seu tempo e tudo no tempo
do Orixá...*

AGRADECIMENTOS

E por falar em agradecimento... É nada menos do que prestar uma devida e singela homenagem a tudo que foi vivido e atravessado por mim e por todos que construíram esta caminhada até o presente momento. É declarar e me declarar a todos, pois sem vocês nada disto teria sido possível. Eu sou o retrato de uma tela em branco, feito um ator completamente desnudo, uma verdadeira colcha de retalhos tecida em atos cênicos de encontros e encantos, que eu me deixo e recebo tanto.

Início meus agradecimentos a minha força vital... Meu Deus ancestral, meu papai *Lògùn Èdé*, a vida me fez de *Lògùn* e eu fiz dele minha vida. Gratidão ao senhor por trilhar esse caminho ladrilhado de pedras e por segurar minha mão em todos os momentos de minha vida. Feliz é aquele que tem um ancestral olhando por si. O senhor que sempre me amparou a cada crise de asma, a cada queda e dificuldade do caminho. Enxugou minhas lágrimas quando precisei, me ouviu e me fez levantar, me ensinou rezar cantando e dançar rezando, ao senhor minha vida estará sempre entregue em suas mãos. Obrigado por me tornar um negro gente, por me tornar seu *Ìyáwò*, seu dofono e por me dar um nome *Òdéòmí T'Òjú Lèiyé* (o pescador dos olhos de pássaro).

Agradeço a meu berço familiar, em especial a minha Mamãezinha, a senhora do meu destino dona Luiza, por me criar com tanto esmero, mesmo ela tendo milhões de atividades sempre teve no tempo seu aliado para cuidar deste menino doentinho, ao meu papai (*in memoriam*) Seu Pedro, ou simplesmente Dim, que carinhosamente me chamava de espírito livre, um menino arredio, meu Zazaque, que veio pintar meus dias com alegria. Por vocês meu amor, até depois do fim...

Aos frutos do mesmo amor, aproveito para agradecer ao meu gigante particular, manão Miguel por toda vida partilhada, pelo cuidado e pela trabalhadeira de me fazer te carregar nos braços neste último ano, te ver voltar a andar foi meu maior presente. A minha ninha Karol, que me abrigou acampado na sua casa, no seu quarto, por diversas vezes me emprestou até o computador para poder fazer esse trabalho.

Agradeço ao orientador mais lindo do mundo, meu amigo e filho, o ilustre Professor Doutor Glauberto da Silva Quirino, ou o menino Glau, que me cobrou de uma maneira sutil todos os prazos, segurou em minhas mãos e mesmo quando pensei em largar tudo ele sempre me dizia, só largue quando terminar. Que lia meus textos e dizia não faz sentido para mim tal trecho, de uma forma elegante e educada de dizer refaça, tentando extrair de mim sempre o

melhor, por acreditar nesta pesquisa e no meu trabalho, quando eu crescer desejo ser um professor tão bom quanto o senhor.

Agradeço também aos nobres professores Aluísio Lima, Iara Maria e Zuleide Queiroz, por toda disponibilidade e contribuições desde antes da banca de qualificação desta pesquisa. Sem o olhar crítico de vocês não teria chegado até aqui.

Gratidão ao terreiro do *Ijobá* no corpo de todos os meus filhos de santo e ao *Olojudolá* na pessoa do meu papaizinho Aluísio Rocha por me estenderem solos tão sagrados e firmes para eu pisar. Por curarem minhas dores e alimentarem meus sonhos. Afirmando que tudo é possível com a presença do Orixá.

Quero agradecer em especial a todas as narrativas autobiográficas que foram contadas e as silenciadas até aqui também, pois sem essa partilha e esses atravessamentos não teríamos encontrados a nossa voz.

A família Morada na pessoa do meu padrinho Ciçô, pelas doses cavalares de rapé, ayahuasca e todas as curas emanadas do universo, por nessa vida escolhermos ser amor, na matéria e no astral. E da minha madrinha e filha Fuinha (Carla), pela oportunidade de ter me mostrado e compartilhado muito da vida, do xamanismo e do terreiro, por todas as vidas passadas, nesta e em todas que virão, por onde for quero ser seu par.

A família Fulô da Catingueira na pessoa da famosa cineasta, amiga, filha e companheira de arte e vida Cheyenne Alencar. Nosso destino foi selado em uma pesquisa e quantos anos, quantas coisas de “lá para cá” já realizamos, não é madrinha (risos)? Que acreditou que dessa dissertação faríamos um documentário e que mais planos virão, pois como ela fala, aqui é só o começo.

Gratidão às amigadas de trabalho em especial aos “elefantinhos” que diziam a toda hora o quanto eu era bom e que esse trabalho iria ser realizado com sucesso, meu muito obrigado Swianne, Katarini, Paulinha, Anne e Gabys, por todas as trocas de turnos e quilos de processos feitos.

Às amigadas que abrilhantam a vida e trazem conforto para alma. Ao Marcos e Eladio por depositarem em mim confiança e amor que de amigos do meu pai, passaram a ser meus amigos e se tornaram família no momento que eu mais precisei, quando seu Pedro deixou esse plano terreno.

Ao programa de Mestrado Profissional da URCA na pessoa de todo o corpo docente e em especial as minhas meninas que aguentam todos os meus surtos e loucuras, mas que estiveram prontas para ajudar, chorar, sorrir e surtar junto, mas que sempre dizem: “pare com

isso e vá estudar, vamos fazer os trabalhos, escrever os artigos e engole o choro você é diferenciado”, minha eterna gratidão a Érika, Rafaelly e Mariana.

A minha querida Kuelissa, pelas inúmeras horas de conversas, loucuras, planos e projetos sempre regados à esperança e afeto. Minha eterna gratidão às amigas de todas as horas, minhas advogadas, colegas de profissão, companheiras de graduação e que sempre estão comigo seja na vida ou no trabalho dizendo o quanto eu sou bom e o quanto posso melhorar, por cuidarem dos meus processos como se fossem seus e por trabalharem arduamente para me deixar o menos preocupado possível. Meu muito obrigado Miauzinha e Rosinha.

Aos meus filhos que a vida me deu de presente Leozinho e Ticinho por encantarem meus dias e me fazerem o ser humano melhor a cada momento, vocês sem dúvidas são a razão de tudo, inclusive de eu acreditar que a educação transforma tudo. Meu Gambá você é o motivo por eu acordar todos os dias e lutar com unhas e dentes por um ideal de um mundo melhor. Tito você me alegra com seu jeito de fazer graça de tudo, até quando debatemos sobre gênero e política.

E por último, porque sou taurino e para taurino o último pedaço faz o coração dançar descompensado o compasso do amor. A minha pessoa no mundo Saulinho, a pessoa que salva minha vida todos os dias há muito tempo. A você que eu sempre compartilho tudo e tanto, agora só quero dizer obrigado, por segurar minha mão e não largar nunca. Por todos os anos que passaram e pelos próximos cinquenta anos, no mínimo, que viveremos livremente juntos porque só assim o amor se manifesta na sua plenitude. Gratidão ao apoio incondicional de todas as horas e por aguentar meus surtos do nada pela pressão desses dias vividos. Eu te amo barbudo.

RESUMO

Este trabalho como objeto central a análise dos atos cênicos das narrativas (auto) biográficas de experiências religiosas de transgêneros no terreiro de candomblé. O que levou a definir como objetivo geral do trabalho analisar os atos cênicos das narrativas (auto) biográficas de experiências religiosas de transgêneros no terreiro de candomblé. E os objetivos específicos são: a) Apresentar a (auto) biografia de vida de transgêneros adeptos do candomblé; b) Compreender as narrativas das identidades de gênero de integrantes do terreiro de candomblé; c) Descrever o contexto de inserção das pessoas transgêneros no terreiro de candomblé; d) Produzir um artefato audiovisual sobre as identidades de gênero e o candomblé a partir dos atos cênicos (auto) biográficos. O caminho metodológico desta pesquisa contém as narrativas (auto) biográficas, na modalidade narrativa de experiências religiosas, constando com três fases distintas: Sendo a primeira de revisão – onde foi utilizado o método do estado da questão para que fosse realizado um levantamento das produções de teses e dissertações na área da educação; a segunda chamamos de exploratória - ocorreu por meio de contato *online*, com o intuito de identificar os terreiros que continham a população desejada, para que pudesse captar o público que se identificava enquanto transgênero; a terceira denominamos de autobiografia - realizada por meio de uma entrevista semiestruturada com uma participante. Foi realizada entrevista individualizada em encontro previamente agendado. Dividida a análise das escutas em três atos cênicos, com uma abordagem qualitativa de análise interpretativa, onde o ato cênico um: (auto) biografia da vida - reúne a escuta, sobre sua vida, trajetória, família e como esses processos acontecem; no ato cênico dois: narrativas das identidades de gênero - Ao falar em transitar, fomos buscar entender como se deu esse processo, perceber os pontos de partida, trabalho e modificação do corpo; ato cênico três: transexualidade no candomblé - tem haver com sua chegada no terreiro e como esse corpo modificado é absorvido frente aos ensinamentos da cosmovisão africana. Utilizando a técnica da bola de neve (*snow ball*) para o recrutamento dos participantes. Tudo isto com um arcabouço teórico pautado nas vivências e experiências orais do cotidiano dos terreiros pelas práticas pedagógicas. Concluímos no caminhar do trabalho localizamos terreiros e pessoas transgênero convivendo e invisibilizando as relações de gênero e suas identidades. O que torna este trabalho extremamente pertinente e necessário. Neste trajeto, consegui demonstrar de forma nítida e ampla que não se questiona mais que as casas de axé são espaços formadores e promotores de educação.

Palavras-chave: Pretagogia. Candomblé. Narrativas (auto) biográficas. Transgêneros.

ABSTRACT

Which led to defining the general objective of the work to analyze the scenic acts of (auto)biographical narratives of religious experiences of transgender people in the Candomblé terreiro. And the specific objectives are: a) To present the (self) life biography of transgender Candomblé followers; b) Understand the narratives of gender identities of members of the Candomblé terreiro; c) Describe the context of insertion of transgender people in the Candomblé terreiro; d) Produce an audiovisual artifact about gender identities and candomblé based on (auto)biographical scenic acts. The methodological path of this research contains the (auto)biographical narratives, in the narrative modality of religious experiences, consisting of three distinct phases: The first being a review – where the state-of-the-question method was used to carry out a survey of the production of theses and dissertations in the field of education; the second we call exploratory - it took place through online contact, with the aim of identifying the terreiros that contained the desired population, so that it could capture the public who identified themselves as transgender; the third is called autobiography - carried out through a semi-structured interview with a participant. Individual interviews were carried out at a previously scheduled meeting. The analysis of listening is divided into three scenic acts, with a qualitative approach to interpretive analysis, where the scenic act is one: (self) life biography - brings together the listening, about your life, trajectory, family and how these processes happen; in scenic act two: narratives of gender identities - When talking about moving, we sought to understand how this process took place, to perceive the starting points, work and body modification; scenic act three: transsexuality in candomblé - it has to do with his arrival in the terreiro and how this modified body is absorbed in the light of the teachings of the African cosmovision. Using the snowball technique to recruit participants. All of this with a theoretical framework based on oral experiences and daily life in the terreiros through prategogic practices. We concluded in the course of the work, we located terreiros and transgender people living together and making gender relations and their identities invisible. Which makes this work extremely relevant and necessary. Along this path, I managed to clearly and broadly demonstrate that it is no longer questioned that the axé houses are spaces for training and promoting education.

Keywords: Pretagogy. Candomblé. Biographical (self) narratives. Transgers.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INÍCIO DA NARRATIVA	11
CAPÍTULO 2 – PROPÓSITO DE NARRAR (AUTO)	
BIOGRAFIAS	16
CAPÍTULO 3 – EDUCAÇÃO DE TRANSGÊNEROS NO CANDOMBLÉ: ESTADO DA QUESTÃO	17
3.1 Caminhos do estado da questão	20
3.2 Estado da questão	21
3.3 Sobre atravessar o estado da questão	26
CAPÍTULO 4 – TEORIA PRETAGÓGICA	
TRANSRELIGIOSA	27
4.1 Educar um povo	27
4.2 Identidades de gênero e suas educações	31
4.3 Transgenalizar o candomblé	35
CAPÍTULO 5 – NARRATIVAS DE ATRAVESSAMENTO	39
5.1. Narrativas (auto) biográficas	39
5.2. O transitar das narrativas	43
5.3. Os narradores (auto) biográficos	44
5.4. Como Catalogar as narrativas	44
5.5. Um mecanismo sensível para uma coleta (auto) biográficas	45
5.6. Narrativas através das experiências religiosas	45
5.7. Aspectos éticos	47
5.8. Arfetato audiovisual	48

CAPÍTULO 6 – NARRAR VIDAS EM ATOS: SERES, GÊNEROS E RELIGIÃO.....	49
Ato cênico 1 - (auto) biografia da vida	49
Ato cênico 2 – narrativas das identidades de gênero	53
Ato cênico 3 – transexualidade no candomblé	55
PAUSA DRAMÁTICA SOBRE AS NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS	
.....	67
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICES	75
ANEXOS	80

1 INÍCIO DA NARRATIVA

Começo esse texto pedindo permissão aqui *Lògùn Èdé*, meu Deus ancestral que olha e zela por mim, que me ajudou na travessia desde pequeno, ainda uma criança doente que precisava de muitos cuidados e vivia em trânsito de casa para o hospital. O que me despertou a observar e ouvir atentamente a mim mesmo e as pessoas em minha volta, aprendendo assim com todas as narrativas compartilhadas. Desta forma, este texto contém uma narrativa pessoal atravessada por outros relatos que gera um embate entre a ciência formal e um saber ancestral.

Esta minha relação com a espiritualidade começa aos nove anos de idade quando uma violência de gênero assolou minha família. Minha tia, mulher preta, sacerdotisa, a *Iyalorixá* de Candomblé, a mãe Francy ou Mãe *Obbassy* é assassinada dentro do terreiro durante um ritual no município de Fortaleza, um crime que é pautado pelo ódio e que demonstra nas entrelinhas que a violência de gênero é uma constante em nossa sociedade.

Assim, chego ao encontro com a casa de axé ainda menino, filho de mãe católica, pai judeu e começo a buscar respostas, me interessar pelos assuntos que tratavam as relações de gênero, antes mesmo de entender que identidades eram essas. Como um mergulho nas águas claras, o olhar de uma criança que enxerga o lúdico e o mágico em tudo.

Adentro no espaço do candomblé, me deparo com esta religião que tem um mundo todo peculiar, colorido e diverso de educação que passa para além de um ensino religioso e uma filosofia de vida.

Passo a viver uma vida religiosa totalmente diferente, quando ainda criança tive a oportunidade de vivenciar em meu corpo o primeiro transe, viver a incorporação foi uma das experiências mais incríveis vivenciadas até hoje e a primeira entidade, uma divindade feminina apropria-se da minha corporeidade e me faz instrumento de trabalho para ajudar o próximo.

Os anos vão passando e minha fé, educação e compreensão de mundo saem da esfera tradicional social de família, igreja e colégio e passo a ter uma formação pautada na transversalidade entre terreiro, movimento social, teatro, escola e família. Fui me construindo um ser religioso em um mundo caótico e profano diverso e plural que me fez refletir sobre quem sou, como afeto o mundo e como o mundo e os outros a minha volta me atravessam e me afetam com seu afeto.

Enquanto sumo sacerdote de um terreiro de candomblé localizado em Juazeiro do Norte, incluo no cotidiano da casa de axé temas de debate a pedagogia do gênero, as

sexualidades, as pessoas transgênero, frente à filosofia ancestral africana. Momentos que me levaram a repensar as práticas religiosas, educacionais e as pedagogias da religiosidade africana.

A necessidade da população de terreiro se organizar politicamente e buscar políticas públicas efetivas e inclusivas para sua população, através dos movimentos sociais, como a participação em caminhadas de combate à intolerância religiosa, bem como membro articulador da Rede Nacional de Religiões Afro-brasileiras e Saúde (RENAFRO) e como a minha inserção enquanto ativista social de direitos humanos, junto às assessorias jurídicas populares desde a época de estudante do curso de direito me fizeram refletir sobre o tema proposto.

Diante do exposto, passo a dedicar breves considerações para situar o leitor sobre três eixos determinantes para o entendimento desta pesquisa, que são: candomblé, educação e pedagogia do gênero na dimensão de suas identidades, na busca de ser um sacerdote melhor e um professor melhor.

Começo adentrar ao universo das religiões de matrizes africanas, aqui o candomblé. Ao buscar entender esta manifestação religiosa, é importante primeiro perceber como esta prática milenar ocorria em um formato tradicional tribal em África, que é trazida para as entranhas do nosso país através de um processo de escravização do povo africano.

Compreendo que mesmo depois da população negra liberta, os costumes e suas tradições permaneceram silenciadas e subjugadas ao modelo social branco escravista que perdura ainda hoje.

Desta forma, percebo que a estrutura dos terreiros de candomblés na diáspora africana significou, entre outras coisas, a construção do lugar de resistência educacional para a população negra, frente a uma lógica social que desumanizava cotidianamente. Portanto, foi necessário pensar em estratégias de preservação de suas referências culturais, ainda que agregando elementos novos de acordo com as diversas realidades sociais existentes (PEREIRA, 2018).

Neste sentido, esta pesquisa teve como propósito estudar sobre as várias práticas e os saberes construídos dentro e através do terreiro de candomblé e como essa educação se perfaz no âmbito da dimensão do gênero, voltada especificamente para a população de pessoas transgênero.

Entendo, neste sentido, que dentro do terreiro existe uma formação educacional para seus adeptos, em um processo de ensino aprendizagem vivencial, que leva à apropriação de

valores, condutas, memórias e representações em uma construção de uma identidade própria, singular, social e cultural.

Esse conjunto de signos culturais produzidos, criados nos processos de ensino e de aprendizagem dentro do que chamamos de terreiro de candomblé, torna-se legitimado através desses saberes cotidianos (MACEDO; MAIA; SANTOS, 2019).

De modo, que para efetivação desta educação, que acontece em uma perspectiva de garantia de direitos humanos em um formato libertador, como uma forma de garantia à liberdade de crença, de raça e sexo da população, que são valores constitucionais básicos inerentes à dignidade da pessoa humana.

Neste contexto, a educação em si já é associada aos direitos humanos fundamentais. No entanto, percebo que ela não transformará a sociedade sozinha, mas que é um dos meios mais efetivos no auxílio desta mudança. Uma educação que embora limitada, pode modificar a realidade do seu povo. O que faz do educador o promotor do saber e do poder a ser dado à educação, que é histórico, social e político (FREIRE, 2020).

Somente quando analiso esta educação recebida nos terreiros é que dimensiono o quanto estes corpos candomblecistas, pretos, femininos, indígenas, lésbicos, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) são marginalizados, oprimidos, reagrupados e organizados dentro de uma normatização branca, europeia e cristã de ensino.

De maneira que o modelo branco hegemônico não é discutido e questionado, frente a um outro modo de entendimento e de construção de saber do outro. O próprio reconhecimento de uma origem diferente da europeia é, em si, uma transgressão e precisa ser combatida (NOGUEIRA, 2020).

Afirmo que quando adentrei no mundo dos estudos de gênero com a perspectiva da educação no terreiro entendi que o verdadeiro significado dos objetos e/ou dos indivíduos não reside propriamente em si, mas sim como esse objeto e/ou indivíduos são construídos socialmente por intermédio da linguagem da representação (MACEDO; MAIA; SANTOS, 2019).

Nesta dissertação, ao longo deste trajeto, localizo com uma melhor percepção a importância dos corpos na construção do ser frente à educação recebida por esses fiéis perante à filosofia dos Orixás, consideramos que a distinção sexo/gênero e a própria categoria sexual são debates necessários para o entendimento de a sociedade é generificada. Assim, parecem pressupor uma generalização do “corpo” que preexiste à aquisição de seu significado sexuado (BUTLER, 2012).

O que me traz a reflexão neste momento acerca da população transgênero dentro das religiões de matrizes africanas e como esse processo acontece, seja de inclusão, segregação ou pertencimento destes indivíduos localizados no espaço do terreiro. Bem como o diálogo entre o gênero e os saberes oriundos dos ancestrais africanos.

Tratar da população transgênero é voltar-se para sujeitos/as que representam o “meio do caminho” que irá subverter inteiramente a distinção entre os espaços psíquicos internos e externos, e zombar efetivamente do modelo expressivo do gênero e da ideia de uma verdadeira identidade do gênero, considerando o seu caráter performativo (BUTLER, 2012).

Diante desse preâmbulo apontamos que o objeto desta pesquisa se centra na análise dos atos cênicos das narrativas (auto) biográficas de experiências religiosas de transgêneros no terreiro de candomblé.

De um lado temos o saber formal, escolar, de natureza baseada na escrita, avaliativo, em uma proposta curricular pré-estabelecida, desconectada da vida e da pluralidade de identidades. Do outro lado, temos o saber tradicional dos terreiros, fundamentado na experiência adquirida com o tempo, nas relações cotidianas, por meio da oralidade e ancestralidade. Acontece no “ver fazer” (MACEDO; MAIA; SANTOS, 2019).

Afirmo aqui, ainda, que de maneira prévia, o terreiro é um espaço de formação. Neste sentido, deve compartilhar saberes com outras estruturas de construção dos indivíduos, a exemplo, a escola. Onde estes conhecimentos são adquiridos por meio da educação africana que ocorre no terreiro. Que capacita, constrói e educa esses corpos que são religiosos, mas também sociopolíticos.

Neste momento ratifico a questão problema desta pesquisa com a indagação central: Quais os atos cênicos das narrativas (auto) biográficas de experiências religiosas de transgêneros no terreiro de candomblé?

Justifica-se a realização desta pesquisa ao repensar que, só através de uma educação libertadora acerca da temática, seja em espaços formais e não-formais, configura-se como uma possibilidade fundamental para uma sociedade efetivamente plural, respeitosa e diversa. O reconhecimento dos terreiros de candomblés como espaços de formação religiosa e educacional, como os/as sujeitos/as que pertencem a eles debatem e constroem o diálogo sobre a ótica do gênero e o reconhecimento de como acontece o acolhimento da população transgênero nesses espaços.

A relevância desta dissertação parte do argumento que as práticas dos terreiros de candomblé são por vezes silenciadas. Ocorrendo seja por falta de compreensão ou por um

subjugamento por parte das culturas hegemônicas dominantes. Neste sentido, a ausência ou a baixa incidência de pessoas negras, candomblecistas e transgêneros em espaços de poder não costumam causar incômodo ou surpresa em pessoas brancas, por exemplo. Para desnaturalizar isso, todos devem questionar a ausência de pessoas negras, candomblecistas e transgêneros, com pensadores na bibliografia de cursos universitários, protagonistas no audiovisual e não perpetuar este silenciamento (RIBEIRO, 2019).

Deste modo, assevero a importância da educação recebida nos espaços sagrados das religiões de matrizes africanas, bem como as suas percepções destes indivíduos frente ao gênero. Neste contexto, ao refletir a definição do sujeito enquanto masculino e feminino buscamos nos afastar da lógica binária. Percebemos que podem existir das mais diversas e múltiplas formas de habitar esses corpos sociopolíticos. Ainda que esses indivíduos sejam estruturalmente modulados, julgados, proibidos (LOURO, 2000).

Identifico que o preconceito, a discriminação, a intolerância e, no caso as tradições culturais e religiosas de origem africana, o racismo que se caracteriza pelas formas perversas de julgamentos que estigmatizam e conferem prestígio e hegemonia a um determinado “eu” em detrimento de “outrem”, sustentados pela ignorância, pelo moralismo, pelo conservadorismo e, atualmente, pelo poder político – os quais culminam em ações prejudiciais e até certo ponto criminosas contra um grupo de pessoas com uma crença considerada não hegemônica (NOGUEIRA, 2020).

2 PROPÓSITO DE NARRAR (AUTO) BIOGRAFIAS

Nesta etapa do trabalho descrevo qual o propósito principal e os secundários desta pesquisa. O intuito foi responder a estas inquietações que me movimentaram ao longo do processo, me fazendo questionar meu papel no mundo, na vida, enquanto ser religioso e na minha formação enquanto professor. Tento com isto, me entender e me tornar um ser mais plural, respeitoso e diverso possível dentro do meu local de fala e do meu lugar no mundo. Compreendendo o meu protagonismo e partilhando do protagonismo do outro também.

2.1 Propósito principal

Analisar os atos cênicos das narrativas (auto) biográficas de experiências religiosas de transgêneros no terreiro de candomblé.

2.2 Propósito secundário

Apresentar a (auto) biografia de vida de transgêneros adeptos do candomblé.

Compreender as narrativas das identidades de gênero de integrantes do terreiro de candomblé.

Descrever o contexto de inserção das pessoas transgêneros no terreiro de candomblé.

Produzir um artefato audiovisual sobre as identidades de gênero e o candomblé a partir dos atos cênicos (auto) biográficos.

3 EDUCAÇÃO DE TRANSGÊNEROS NO CANDOMBLÉ: ESTADO DA QUESTÃO

Para entender como esta pesquisa ganha forma, é preciso descrever o longo caminho percorrido até aqui. Neste contexto trazemos uma descrição de todo percurso que me ajudou a estabelecer um referencial teórico e metodológico que me ajudou a estabelecer um papel fundamental de conexão entre o objeto desejado deste estudo, o meio de como realizar este caminho e encontrar o arcabouço didático necessário para fundamentar compreensão deste fenômeno.

Neste momento da pesquisa foi realizada uma revisão de literatura, seguindo o método do estado da questão para levantar e verificar o que já havia sido produzido nos últimos anos no contexto da temática proposta.

O que possibilitou um panorama real dos estudos que permeavam a relação entre educação, gênero e os espaços sagrados das religiões de matrizes africanas, aqui o Terreiro de Candomblé¹. Compreendo de que forma acontece esta relação entre às pessoas transgêneros que são iniciadas e a filosofia ancestral africana dos Orixás.

De modo que foi necessário avaliar o que entendo por educação, percebendo o Terreiro de Candomblé como um espaço de construção e reafirmação de identidades de gênero e ter a compreensão do significado de ser uma pessoa transgênero frente ao orixá.

Entendi que primeiro tinha que pensar a dimensão da educação, para compreender que o saber/poder acontece de forma direta e indireta quando penso em educação e seus formatos. Criando condições de circular pelos mais diversificados campos do pensar e do agir de seus indivíduos. Impondo-se moldes universais partilhados pelos seus agentes sociais (BOURDIEU, 2010).

É necessário refletir sobre os marcos da educação, de que forma determinante como a educação formal e não-formal valida os saberes. E entender como esta educação recebida pode acontecer da mais variada forma e possibilidade, onde o valor deste aprendizado é construído pelo seu cotidiano, inclusive através da própria cultura, não importando de que forma lhe é transmitida.

Ao perceber essas estruturas identificamos que a educação formal desvaloriza a subjetividade do indivíduo como fonte de saber. Já a educação não-formal propicia ao

¹ Terreiro de Candomblé, também conhecido como Casa de Àse.

indivíduo que utilize toda a sua subjetividade para absorver e acumular saberes (GALLICIANO, 2015).

Desta forma as vivências e os processos educativos ocorridos nos Terreiros de Candomblé estão acordo com a necessidade de aprendizagem do indivíduo ou de seus próprios interesses. Nesse espaço de conhecimento em construção, onde ensinar e aprender são uma constância, configura-se como uma educação não-formal.

A origem da Educação Popular, da Educação Não-Formal e das discussões da Pedagogia Social em nosso país apresentam trajetórias semelhantes no que se refere ao debate do papel do Estado e sua ausência no cumprimento das obrigações básicas na garantia dos direitos dos cidadãos. Nessas concepções educacionais, os pesquisadores procuram romper com metodologias tradicionais e currículos que não respeitem os saberes, valores e modos de viver das classes populares. O povo de Santo é detentor de um conhecimento específico, pautado em vivências e processos religiosos, pois só se tem acesso à determinado conhecimento, a pessoa iniciada que, de acordo com a demanda da Casa de Àse ou a necessidade do momento vai participar e/ou ajudar num determinado rito. Nas Casas de Àse se aprende desde culinária, canto, dança, percussão, produção de objetos artesanais (adereços), elementos da natureza, cores e ainda, outra língua, Yorubá – além do dialeto próprio de cada nação. Aprende-se a história do Brasil e da África, aquela contada e vivida, não a lida. Aprende-se sobre hierarquia, direitos e deveres, companheirismo etc (GALLICIANO, 2015 p. 46).

Observado que a educação recebida no espaço religioso do Terreiro de Candomblé cria um vínculo simbólico. Que constrói e reconstrói um pertencimento sociocultural dos membros baseado na sua ligação ancestral.

Neste contexto, o sacerdote tem um papel estrutural, de forma determinante e fundamental desta educação não-formal. Onde sua cosmovisão está relacionada à vida sociocultural e filosófico-espiritual é definidora de como entenderá e tratará as questões de gênero dentro do espaço sagrado do terreiro.

Ao pesquisar as Relações de Gênero, apresenta-se: a coragem de Pais e Mães de Santo quanto à implantação dessa cultura numa região de brancos, católicos, e de outras religiões cristãs; a ousadia dos representantes masculinos dessa religião em defender, além da causa religiosa, a multiplicidade de gênero, com suas saias, tamancos, unhas pintadas, maquiagem e ousados adereços de cabeça; os diferentes papéis para homens e mulheres; as dissociações do Òrìsà de cabeça quando este se apresenta feminino em cabeça masculina ou vice-versa, para garantir que este não “desvirtue” – muitos ainda acreditam que não é bem visto fazer, por exemplo, Òsun (Òrìsà considerado o símbolo da sensualidade feminina) na cabeça de um homem com comportamento heterossexual; as diferenças nos afazeres e as circunstâncias em que mulheres ou homens não podem tocar e/ou se aproximar de objetos sagrados (GALLICIANO, 2015 p. 17).

Compreendo que é dever da educação humanizar seu povo. Principalmente quando se trata de Terreiros de Candomblé, não há como desassociar este processo. De modo que toda educação recebida no terreiro precisa ser conduzida em respeitar a pluralidade e diversidade do seu povo.

Vislumbro que o cotidiano da educação nos terreiros de candomblé tem que dar conta de todas as questões que perpassam a formação dos indivíduos. Sendo a temática do gênero, uma pauta importante para esta construção.

Necessidade esta que fica compreendida através desse debate, onde percebo que essa formação e construção dos gêneros e das sexualidades acontecem através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinuam-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais (LOURO, 2008).

Ao refletir sobre este movimento entre gênero e sexualidades tenho esse encontro com as identidades transgêneros e suas performatividades. O que importante perceber é que essas relações são confirmadas e valoradas através de uma construção a partir das suas práticas cotidianas:

Ser mulher constituiria um “fato natural” ou uma performance cultural, ou seria a “naturalidade” constituída mediante atos performativos discursivamente compelidos, que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas? Contudo, as práticas de gênero de Divino nos limites das culturas gay e lésbica tematizam frequentemente “o natural” em contextos de paródia que destacam a construção performativa de um sexo original e verdadeiro. Que outras categorias fundacionais da identidade – identidade binária de sexo, gênero e corpo – podem ser apresentadas como produções a criar o efeito do natural, original e inevitável? (BUTLER, 2012).

Destaco esse trecho a cima para refletir e repensar sobre esse ser performático que pode ou não ser incluído e aceito. Neste sentido, é importante perceber que a definição social dos órgãos sexuais, está longe de ser um simples registro de propriedades naturais, diretamente expostas à percepção, é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças (BOURDIEU, 2010).

O que justificou esse primeiro momento da pesquisa foi a possibilidade de entender que os processos educacionais acontecem também no espaço sagrado e não-formal do Terreiro do Candomblé.

O que gerou um questionamento que orientou melhor a pesquisa e que se tornou necessário ser compreendido no decorrer do estudo: De que forma a educação recebida nos terreiros de candomblé propõe o debate sobre transgêneros contemporaneamente?

Neste contexto, o objetivo era analisar o estado da questão acerca dos estudos relacionados às temáticas de educação, relações de gênero e transgêneros no contexto do Candomblé.

3.1 Caminhos do estado da questão

Ao escolher uma revisão de literatura, opto pela técnica do estado da questão. Esta busca funcionou como um refinado filtro, para que possibilitasse uma maior concretude da área escolhida para realização deste trabalho.

É importante destacar que foi utilizado predominantemente fontes de consulta disponíveis em forma de resumos ou catálogos de fontes. Nesta compreensão, tem caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que se busca investigar (NÓBREGA-TERRIEN; TERRIEN, 2004). Desse modo, possibilita um panorama geral da atualidade nas pesquisas realizadas sobre o tema.

Este estudo adotou como referencial metodológico as etapas e características apontadas por Nóbrega-Therrien e Therrien (2004) descritas no quadro 1.

Quadro 1 – Características do estado da questão

Objetivos	Delimitar e caracterizar o objeto (específico) de investigação de interesse do pesquisador e a consequente identificação e definição das categorias centrais da abordagem teórico-metodológica.
Procedimentos	Levantamento bibliográfico seletivo para identificar, situar e definir o objetivo de investigação e as categorias de análise.
Fontes de Consulta	Teses, dissertações, relatórios de pesquisa e estudos teóricos.
Resultados	Clareia e delimita a contribuição original do estudo no campo

	científico.
--	-------------

FONTE: Nóbrega-Therrien; Therrien (2004, p. 3).

Os dados coletados deste estudo transitaram no mês de maio de 2020, realizada junto ao Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Onde foi definido como descritores os termos “Transgênero”, “Candomblé” e “Educação” por meio do cruzamento deles utilizando-se o operador *booleano* “AND”, sem delimitação de escopo temporal.

Os critérios de inclusão: produções que contemplassem em seus estudos os aspectos entre o tripé: Educação, Transgêneros e Candomblé; e que foram desenvolvidos dentro da área de concentração da educação. Já o critério de exclusão foi escolhido pelas as pesquisas que não estavam disponíveis na íntegra.

O resultado encontrado usando exclusivamente os descritores totalizou o número de 577.850 de produções. Devido a uma quantidade elevada de obras, foi necessário refinar mais essa busca. Utilizando filtros como: a) Área de conhecimento dos estudos dentro das ciências humanas; b) As produções na área de conhecimento da Educação; c) O campo da área de avaliação na educação. Chegamos ao número total de 16.279 de produções científicas.

De modo, que foram avaliadas as produções pelo título e restaram 55 produções, das quais, constava com 15 teses e 40 dissertações. Neste primeiro momento foram lidos todos os títulos e resumos do último filtro encontrado, restringindo esta busca a 12 produções para leitura na íntegra. Desse modo, foram incluídos como amostra final 12 estudos.

3.2 Estado da questão

Das 12 produções incluídas nesta revisão, 98,8% (11) tratou-se de dissertações e 1,2% (1) de teses. No quadro 2 encontram-se as características avaliadas de acordo com o referencial metodológico.

Quadro 2 – Produções e suas categorias

Categoria	Autores/as	Objetivos	Procedimentos
Educação e os ritos dos Orixás	Ataide Junior (2017);	Compreender as práticas cotidianas dos seus adeptos e a	Mapeia os saberes e como se dá o ensino e aprendizado através

	Costa (2017)	relação com seus ritos.	das práticas litúrgicas.
Educação e relações étnicas	Santos (2018); Evangelista (2019); Oliveira (2014)	Analisar as relações de racismo estrutural e intolerância religiosa.	Análise de leis e visitas em campo tanto no espaço de educação formal e não formal.
Educação e suas mitologias africanas	Saldanha (2017); Anjos (2016); Barroso (2016); Silva (2015); Sanfilippo (2016)	Abordar a visão da Educação no terreiro através do uso lúdico das mitologias para explicar as práticas religiosas.	Observação em lócus e através das práticas orais e seus processos educativos.
Educação: terreiro e a indústria cultural	Pereira (2018)	Descrever as representações sociais e um universo de educação moderna.	Mídias sociais e cyber espaços para identificar como esses espaços reproduzem saber.
Educação: Candomblé e as identidades	Galliciano (2015)	Articular como o candomblé e as identidades de gêneros são entendidas através da educação recebida.	Buscou através da etnografia o convívio com os sacerdotes, o entendimento das práticas religiosas e as questões de gênero.

Quando se analisa o gênero dos/as autores/as, identifico que sete foram desenvolvidos por mulheres e cinco por homens. Mesmo não sendo levado em consideração o lapso

temporal das publicações selecionadas, evidencio que todas as produções decorrem dos últimos sete anos. As regiões do país no qual os estudos foram desenvolvidos situaram-se entre o Sudeste e Norte.

As produções foram todas desenvolvidas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* da Educação, com notas de avaliação que variaram entre quatro e sete.

Na primeira categoria, *Educação e os ritos dos Orixás* percebemos que os resultados encontrados se preocuparam em analisar os processos educativos recebidos nos atos da iniciação de seus fiéis com base no relato e vivência a partir da dinâmica dos Orixás e seus achados durante esse processo.

O Candomblé é uma cultura religiosa rica em significados, perspectivas e visões de mundo que ainda são pouco conhecidos pelos não-fiéis, causando desta forma uma construção errônea sobre seus significados. Trata-se de uma religião que coloca o indivíduo em harmonia com a natureza influenciando a forma como ele se identifica na comunidade religiosa e fora dela (COSTA, 2018).

O outro estudo pautou-se na análise dos processos educativos dentro do terreiro sobre seus ritos ancestrais sem interesse de pensar os mesmos na ótica das identidades de gênero (ATAIDE JUNIOR, 2017). Assim, manteve a ênfase na valorização da riqueza cultural e suas práticas religiosas como forma de resistência da sua população.

Partindo deste pressuposto a *Educação e relações étnicas*, revela uma compreensão de como e de quem são esses indivíduos que pertencem a esta religiosidade cheia de percalços e desafios que é ser de Candomblé em uma sociedade racista e intolerante. Para perceber isto definimos um modo de olhar para espaço do terreiro, através de suas cosmovisões e Pedagogias Culturais, manter suas identidades e garantia do direito de “ser/estar” em uma sociedade brasileira com seus saberes e religiosidade (EVANGELISTA, 2019).

A possibilidade de beber em uma fonte inesgotável de saber de uma religião como o Candomblé viabiliza uma infinidade de olhares acerca da educação recebida, como meio construtor dos seus fiéis, conforme destacamos:

Portanto, também entre seus principais objetivos, este estudo pretende juntar-se ao material já existente sobre o tema; porém, abordando viés pouco explorado quando se fala de cultura de matriz africana: sua religiosidade, que é, seguramente, a mais enfrentada e degradada base de assento desta cultura, quer por meios virtuais, quer por meios materiais. (SANTOS, 2018, p.21).

Contemplo ainda que na *Educação e suas mitologias africanas*, buscou perceber a grandeza dos desdobramentos que o ensino lúdico do terreiro traz ao aprendizado e dita às normas da educação recebida, onde se valoriza os sinais e símbolos que fazem desta religiosidade uma fonte inesgotável de saber.

Em consonância, as falas desses sujeitos trouxeram os universos dos terreiros, dando sinais de que transcendem os espaços sagrados e, por intermédio dos corpos, estabelecem outros terreiros interculturais. Eles trazem o jeito de ser próprio do povo negro que se reinventou e faz festa nos espaços religiosos, nos navios, nas fazendas e minas e continua se reinventando nas praças, ruas, nas escolas de samba, no Maracatu, Ciranda, Jongo, Coco, Tambor de Crioula, Bois, Caboclinhos, extravasando espaços e tempos (SANFILIPPO, 2016).

Compreendo o relevante formato de utilizar as mitologias como formas de ensino e aprendizado dentro do terreiro de fundamental importância para a construção do ser religioso, como também se relacionam com o cotidiano escolar destes adeptos do candomblé (ANJOS, 2016).

Na categoria *Educação: terreiro e a indústria cultural*, a única tese em questão traz uma possibilidade interessante de pensar a educação recebida no terreiro, como um alargamento deste local de ensino e participação onde se fez com base em uma etnografia na cibercultura. Com o intuito de compreender a dinâmica do terreiro e desta forma conseguir contextualizar as culturas ainda invisíveis da religião do Candomblé. Percebendo a importância da globalização e como a utilização desta ferramenta potencializa o aprendizado do povo de terreiro. Neste momento, destaco que:

Continuemos a pensar um pouco sobre a inconclusão do ser que se sabe inconcluso, não a inconclusão pura, em si, do ser que, no suporte, não se tornou capaz de reconhecer-se interminado. A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento. É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível. E na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos

conscientes e que nos insere no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança. (FREIRE, 1997, pp. 61-64)

Dentro do olhar do ensino, ainda compreendo um trabalho interessante. Que uniu o cotidiano do terreiro, os seus processos educativos e a indústria cultural em que vivemos, valorizando uma abordagem em pesquisa de mídias sociais, onde nos serve de base para confirmar a possibilidade que o ensino religioso perpassa para seus fiéis em todos os campos da sua vida.

Por fim, a categoria *Educação: Candomblé e as identidades*, configura como momento oportuno em que confirmo que quando se propõe a estudar religiões de matrizes africanas e seus processos de ensino, nunca chegaremos a um fim definido e definitivo.

Cada terreiro tem seu formato de ensino e que se compõe de um ensino ao mesmo tempo horizontal e verticalizado, assim também como este aprendizado vai de acordo com o tempo que o indivíduo está imerso nos saberes sagrados.

Identifica-se também que não existe uma metodologia única quando se trata de pesquisa na religião do Candomblé. Escrever sobre religião foi e continua sendo um grande desafio, pois os entendimentos e a forma de fazer, de cultuar, louvar e até mesmo de crer, estão no campo da subjetividade. Cada um tem autoridade suficiente dentro de sua casa. Não existe um livro, uma apostila, cartilha ou um espaço onde exista alguém a quem se deve satisfação dos atos (GALLICIANO, 2015).

O que me faz aguçar mais ainda a importância discutir e pensar o Candomblé como uma fonte de saber que fortalece seus membros, nossa democracia e viabiliza uma forma de ensino libertador por ter a mulher com um papel de suma importância dentro da manutenção e da luta desta tradição, fazendo muito importante entender a pedagogia do gênero, trabalhada dentro das perspectivas dos Orixás.

É importante mencionar que nesta busca de estabelecer tais relações para este estudo da questão consigo estabelecer e perceber um olhar em dentro da etnografia da educação a possibilidade perceber como ocorrem esses processos educativos das casas de candomblé.

Ao decidir pesquisar as religiões de matrizes africanas, a primeira intenção foi trazer a realidade desse universo ao contexto acadêmico para que as pessoas o compreendessem como espaço de educação, cultura, multiplicidade, história e fé. O processo se apresenta como espaço de erudição, aprendizado, crescimento intelectual, autoconhecimento e amadurecimento (GALLICIANO, 2015)

O ensino oral, religioso, filosófico africano do candomblé possibilita pensar de forma multifacetada em todas as questões de gênero e suas variáveis sócio-políticas, bem como o empoderamento de seus adeptos e sua relação com o sagrado.

Fica evidenciado que as análises dos resultados demonstram nestas categorias que temos muito escrito sobre religiosidade de matrizes africanas e suas derivações. Porém, as questões de gênero ainda são tratadas de maneira secundária na maioria dos trabalhos.

3.3 Sobre atravessar o estado da questão

A temática proposta é ainda pouco difundida no meio acadêmico, gerando uma inquietação e um ineditismo interessante frente à triangulação estabelecida entre: “Terreiro de Candomblé”, “Educação” e “Relações de Gênero”, onde evidencio à multiplicidade de olhares frente à formação educacional, filosófica ancestral religiosa e variáveis quanto às possibilidades de identidades de gênero, em um campo da produção científica neste sentido ainda é inexplorado.

Fica entendido que o espaço do terreiro de candomblé é um lugar de formação, promoção e de produção de conhecimento. E como tal, vão além de valores religiosos, mas incluem também valores sociais, culturais e políticos dos indivíduos congregados. Compreendo desta forma que as questões relacionadas às sexualidades, identidades de gênero e escolares, perpassam a construção do ser religioso e que a educação recebida pelo seu sacerdote é tão importante quanto à educação formal social.

O que validou previamente a nossa proposta e confirmou o ineditismo de pensar e/ou repensar essa educação através deste estudo, neste sentido, compreendo as várias possibilidades de construção destas identidades, e as formas que elas vêm a serem percebidas, recebidas, reconhecidas e propostas nos espaços de construção educacional tradicional como os terreiros de candomblé e como essa realidade dos indivíduos transgênero é ou não contemplada vista a frente ótica dos Orixás.

4 TEORIA PRETAGÓGICA TRANSRELIGIOSA

Neste momento da pesquisa a gente respira fundo e se joga em uma trama mágica tecida ao som do atabaque, com o bailado da baiana educando um corpo a dançar, tudo isso alinhado no centro das práticas pretagógicas com o intuito de dar conta de responder e auxiliar todas as buscas dentro de três eixos entrançados e interligados.

Na busca de um embasamento teórico acerca do conteúdo proposto substancial para desenvolver um referencial teórico satisfatório, buscamos dentro da filosofia ancestral africana as respostas para as questões e inquietações percebidas ao longo de todas essas narrativas que perpassam não só o meu ser, mas toda a minha coletividade de uma pessoa pertencente ao candomblé e todas as memórias deste processo educativo, contínuo e infinito através do pertencimento religioso.

Assim, começaremos a costurar uma grande colcha de retalhos aqui costuradas pouco a pouco e ponto a ponto a cada narrativa, vida e experiência ao longo de um caminhar eterno dentro dos mistérios da cosmovisão africana que traz uma diversa possibilidade de manifestação religiosa, cultural e educativa na formação do indivíduo. Nesta seção, optamos por organizar o debate em três tópicos possibilitando assim um melhor embasamento teórico acerca do conteúdo proposto.

Neste momento, recorreremos aos costumes, às vivências, as diferenças e a valorização cultural e religiosa de um povo. Busca legitimar uma forma não eurocêntrica de ensino e educação, visando validar e justificar os processos educativos de um povo que tem uma cosmovisão divergente da estabelecida socialmente e que precisa encontrar dentro destes processos com as mais diversas formas de identidades, gêneros e cores, atravessa todas as diferenças para horizontalizar os conhecimentos pautados na circularidade dos costumes tradicionais dos Orixás.

Neste sentido, é importante evidenciar a dificuldade de traçar um referencial teórico-metodológico que desse conta de toda a proposta deste trabalho, porque aqui rompemos totalmente com o modelo cartesiano de ensino desde a construção e estruturação do texto acadêmico ao modelo legitimador que buscamos no ensino, valorizar principalmente a oralidade e as narrativas (auto) biográficas que constrói toda essa trajetória.

4.1 Educar um povo

Neste momento percebo o quão importante se faz confrontar a linha tênue que existe entre a educação recebida dentro dos terreiros de candomblé e as identidades de gênero que se formam e se constroem diante da cosmovisão africana. Em uma busca pela filosofia empregada pelas tradições dos Orixás é fundamental compreender de que forma e como acontece essa educação que aqui está sendo tratada.

Como ponto de partida é imprescindível ressaltar de onde viemos, onde estamos e para onde se busca ir. Vivemos em um país, que reza sobre a laicidade do Estado através de suas leis e ordenamentos. Compreende-se que este país é fruto de uma miscigenação e de uma pluralidade cultural. O que permite, como meio de garantia da dignidade da pessoa humana e do exercício dos direitos fundamentais, a liberdade de culto e crença, por exemplo.

De modo, que a educação tem um papel fundamental no contexto de garantias de direitos, tendo em vista que descobrimos que aprender é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais criador. Ou seja, quanto mais criticamente se exerce a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve seu potencial reflexivo (FREIRE, 1997).

Desta forma, me deparo ao longo de toda minha jornada acadêmica com o modelo de educação impositivo que dificulta todas as outras formas de educação que não estejam dentro do molde avaliativo eurocêntrico formal.

Neste âmbito, é importante destacar que no contexto do racismo estrutural, a população negra tem menos condições de acesso a uma educação de qualidade. Geralmente, quem passa em vestibulares concorridos para os principais cursos nas melhores universidades públicas são pessoas que estudaram em escolas particulares de elite, falam outros idiomas e fizeram intercâmbio. E é justamente o racismo estrutural que facilita o acesso deste grupo privilegiado (RIBEIRO, 2019).

Neste sentido, a proposta é trazer um método eficaz de ensino, mas que tem uma estrutura diferente da eurocêntrica, valorizando outros contextos e outras relações. Que exige um olhar sensível, mas também traz um rigor técnico de aprendizado. Uma possibilidade é o uso da pretagogia que está amparada e pautada nos valores da cosmovisão africana, como: a) ancestralidade; b) tradição oral; c) o corpo enquanto fonte espiritual, produtor de saberes; d) religiosidade; e) noção de território enquanto espaço-tempo (SILVA, 2013).

Entendo que os terreiros de candomblé assim como as demais religiões seguem um padrão de ensino e aprendizado. Porém, nos terreiros a vivência, o cotidiano e as oralidades

são destacados em um novo modelo de aprendizado, ou melhor, um modelo não tão conhecido ou não valorizado socialmente, o que destaco a seguir:

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo. Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações... a mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedades em que se faz isso, em que se queimam igrejas de negros, se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia (FREIRE, 1997, p. 39-40).

De modo que, vislumbramos a ideia de intolerância religiosa como fruto de um racismo estrutural solidificado que afeta a estrutura de ensino que temos atualmente, pois inúmeros grupos religiosos buscam impor suas ideias a outros grupos socialmente menores, tentando modular sua fé e seu comportamento, o que torna necessário entender como esses grupos educam e capacitam seus fiéis para coexistirem neste cenário (MELO; GOMES FILHO; SILVA, 2014).

Formato este que me faz buscar dentro das práticas pretagógicas respostas e mecanismos para desenvolver este estudo como uma forma de legitimar os ensinamentos oriundos das experiências e narrativas orais de vidas enquanto sacerdote e pertencente ao terreiro de candomblé, como professor e militante de direitos humanos.

Atravessamentos esses que me trazem uma inquietação frente à educação recebida e transmitida nos espaços religiosos, aqui o candomblé como formador de identidades, estas por sua vez são tão plurais e diversas que me fazem pensar em perguntas que ainda não foram respondidas de forma universal à filosofia dos Orixás.

Tornando-se fundamental questionar este sistema branco ocidental de opressão racial, é extremamente desafiador e necessário para entendermos o cotidiano dos terreiros de candomblé e o dia a dia dos seus adeptos. A capacidade desse sistema de passar despercebido, mesmo estando em todos os lugares, é intrínseca a ele. Acordar para os privilégios que certos grupos sociais têm e praticar pequenos exercícios de percepção pode transformar situações de

violência que antes do processo de conscientização não seriam questionadas (RIBEIRO, 2019).

Este debate intenta promover a quebra do silêncio e a necessidade de reconhecer que a história ancestral africana, a cultura, a filosofia, a pedagogia do gênero dentro dos espaços sagrados dos terreiros de candomblé e a formação educacional dos currículos oficiais dos cursos no Brasil. Conforme assevera Cunha Junior (2010, p.83), ao apontar que “a história da filosofia, não era mais que a história grega. Que deixava de fora os núbios, etíopes, egípcios, indianos e chineses”.

Ao absorver que as histórias precisam ser narradas, valorizar toda essa ancestralidade negra e a importância desta oralidade são uma fonte inesgotável de saber, e que muito se aprende com toda diferença educacional. Desta forma, considerando que as demandas por temas de interesse das populações de descendência africana têm como princípio a relação entre sujeito e objeto, busca-se a superação do caráter universalista da ciência (SILVA, 2013).

Ao reconhecer a forma sobre o poder que as epistemologias do norte exercem sobre as bases curriculares nacionais e sobre as epistemologias do sul impossibilitando a construção do saber não-hegemônico onde inibem, sufocam e desqualificam os saberes oriundos dentro dos espaços sagrados dos terreiros de candomblé.

Neste sentido, compreendo que essa escola seja formal ou não se torna um espaço de promoção de uma educação popular e não apenas o lugar de transmissão de conhecimentos, cuja valorização se dá à revelia dos interesses populares; uma escola cuja boniteza se manifesta na possibilidade de uma formação humanizada do sujeito social (FREIRE, 2020).

Diante disto, percebo o quão se torna importante esse processo de educar para que não haja a perpetuação da negação da existência do outro por meio de um apagamento de sua cultura e crença religiosa. Tendo em vista que a presença da população candomblecista ultrapassa os muros dos terreiros, manifestando-se e levando seus corpos para todos os outros espaços formais e não-formais, onde suas identidades se manifestam das mais diversas formas. Afinal, os terreiros além de espaços religiosos, são também espaços de promoção da autonomia e socialização.

O que não se pode negar é que os ataques direcionados à questão religiosa, no bojo das relações sociais, começam e são reforçados por meio de um discurso legitimado pelo poder e por poderosos. Seja por parte dos pastores, padres e até autoridades políticas. Neste sentido, se a agenda moral é apenas uma ilusão que serve a um proselitismo eleitoral, a violência

simbólica é real e segue fazendo suas vítimas e marcando a trajetória de vida de todo um povo (NOGUEIRA, 2020).

Para fazer frente a esta violência simbólica vivida cotidianamente pela população negra e pelos povos de terreiros e suas diversas identidades contidas dentro do espaço sagrado dos Orixás é que se faz necessário mudar o ponto de vista, da partida desta educação recebida e transmitida.

Contudo, percebo dentro da pretagogia a intenção de aproveitar os momentos de socialização para estar sempre no fluxo de convidar educadores para participarem e conhecerem a cultura afro-cearense, desta forma, leva-las a refletir sobre a presença desta matriz cultural e suas histórias de vida (SILVA, 2013).

De modo que só através de práticas educativas inclusivas de valorização da ancestralidade negra é que podemos mudar o contexto social da educação e possibilitar que a mesma recebida no terreiro promova esta mudança diversa e multifacetada do seu povo. E a partir desta apropriação do seu pertencimento ancestral, tendo o terreiro como um espaço educador e formador do indivíduo.

4.2 Identidades de gênero e suas educações

Compreender que os terreiros de candomblé, existem não só como instituição social religiosa, mas também são um espaço educacional faz-se necessário refletir sobre os debates gerados acerca das pedagogias do gênero e suas identidades, o que nos instiga a analisar de que forma a filosofia ancestral dos Orixás podem e devem contribuir nesta formação dos seus indivíduos, conforme destaque:

[...] pude constatar que a escola não tem inserido em seu currículo as manifestações afro-cearenses, situação que vem contribuindo para o não reconhecimento e a desvalorização dos povos africanos e afrodescendentes na história e cultura do povo brasileiro, e em particular do Ceará [...] Todos esses argumentos passaram a ser usados não somente como negação da população negra, mas também enquanto instrumento ideológico e político para legitimar os constantes ataques e perseguições direcionadas às manifestações culturais de base africana cearense. Em pouco tempo, as expressões culturais que traziam a lembrança do período da escravidão passaram a representar uma ameaça à ordem e à segurança pública (SILVA, 2013, p 40 e 41).

E como o terreiro é um espaço que nasce com um condão religioso agregador, não tem como desvincular a suas práticas ritualísticas dos movimentos culturais e sócio-políticos, fato este que faz total sentido conceber ele enquanto promotor de educação, sendo um importante

marcador o debate acerca das pedagogias de gênero e suas identidades dentro do espaço do terreiro para que possa promover uma educação plural e sensorial através da cosmovisão africana, neste sentido:

As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas. Na verdade, desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado, especialmente provocado pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas e sustentado, também, por todos aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por essas manifestações (LOURO, 2000, p. 4).

Perceber que quanto mais debatidas e difundidas estas questões, mais aumenta o sentimento de pertencimento e o conhecimento formado a partir destes corpos. Atitudes assim, promovem posições mais críticas, favorecendo as reflexões dos fatos que podem influenciar a vida, o comportamento e a prática sexual, possibilitando um melhor entendimento sobre o contexto sociocultural, facilitando as relações interpessoais. Por isso, a importância de debater esses temas como um componente transversal, facilita a construção da cidadania em termos éticos e políticos, sempre pautados com responsabilidade, liberdade, autonomia e solidariedade (QUIRINO, 2014).

Neste sentido, compreendo que todas as palavras podem significar várias coisas. Dentre elas, no contexto do gênero, têm um peso histórico e neste contexto elas marcam uma história de luta necessária. O que nos faz corroborar com esta reflexão:

O conceito de gênero que pretendo enfatizar está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo. Constituinte desse movimento, ele está implicado lingüística e politicamente em suas lutas e, para melhor compreender o momento e o significado de sua incorporação, é preciso que se recupere um pouco de todo o processo. Ações isoladas ou coletivas, dirigidas contra a opressão das mulheres, podem ser observadas em muitos e diversos momentos da História e, mais recentemente, algumas publicações, filmes etc. vêm se preocupando em reconhecer essas ações. No entanto, quando se pretende referir ao feminismo como um movimento social organizado, esse é usualmente remetido, no Ocidente, ao século XIX (LOURO, 1997, 18).

Contudo, a pedagogia do gênero nos serve de referência, funcionando como uma formação ampla, do ser e valorizar essas nuances faz com que a educação recebida forme os indivíduos em sua complexidade total, valorizando suas histórias de vidas e suas culturas.

Deste modo, entendo que só através da educação podemos compreender a dignidade da pessoa humana, com seus direitos e garantias fundamentais. Onde todos são iguais independente de raça, cor, identidade de gênero e crença religiosa. Neste sentido, se faz necessário debater as questões de gênero dentro dos terreiros de candomblé, e refletir se a educação recebida transmite de forma adequada as necessidades daquela comunidade local, destaque, no entanto:

[...] novos discursos acadêmicos e militantes, os quais se dedicaram não apenas a desconstrução cultural e histórica do conjunto de categorias e arranjos simbolizados pela dualidade biológica e natural do homem macho e da mulher fêmea, mas também, verifica-se que tais falas (ou complexo teórico) permitiriam que novos delineamentos – em torno das relações estabelecidas entre homens e mulheres, entre homens e homens, e respectivamente, entre mulheres e mulheres ou entre mulheres e homens – pudessem ser redefinidos (IFADIREÓ; SILVA, 2019, p.38).

Quando conseguimos ampliar a capacidade de entendimento sobre a importância de educar em face do tema debatido, seja na escola, seja no espaço sagrado das religiões de matrizes africanas ou em outros espaços de formação, pode gerar tensionamentos no sentido da mudança da educação que se pretende construir.

Fica mais evidenciado o tanto que ainda precisamos debater e legitimar as religiões de matrizes africanas, aqui o terreiro de candomblé como um espaço importante para a formação do indivíduo, é que quando ultrapassamos os muros do templo dos Orixás ainda nos deparamos com estas situações, como trago em destaque:

Durante o período das observações da investigação no mestrado percebi que algumas crianças reportavam-se de modo pejorativo às religiões de matriz africana, por vezes, na tentativa de agredir os/as colegas usavam expressões como: *filhos da macumba!* Esse tipo de comportamento tem sua gênese justamente no modo desrespeitoso como historicamente são tratadas as manifestações culturais de origem africana, em especial as religiões. Ao questionar uma das docentes sobre tal comportamento, esta afirmou que as crianças não sabem explicar o que é macumba e que ela tampouco tinha formação para tratar dessa temática em sala de aula (SILVA, 2013, p. 42).

No tocante aos terreiros, um local tão diverso, é fundamental o semear das palavras que ocorre de forma popular, na linguagem direta com seu povo, cuja experiência social, não necessariamente seja escrita. O que quer dizer, áreas de memória preponderantemente oral, tem grande valia na composição de saberes (FREIRE, 2020).

Momento este oportuno que reafirmamos a necessidade de entender não só o terreiro enquanto meio educador, mas perceber o quanto discutir a respeito da pedagogia do gênero e suas identidades, é um debate fundamental para ser travado em todas as esferas dos processos educativos, conforme destacamos:

De certa forma, pode ser tomada como uma espécie de gatilho provocador de um conjunto de reflexões e teorizações, exuberante e fértil, polêmico e disputado, não só no campo do feminismo e dos estudos de gênero, como também no campo dos estudos da sexualidade. A frase foi alargada, é claro, passando a ser compreendida também no masculino. Sim, decididamente, fazer de alguém um homem requer, de igual modo, investimentos continuados. Nada há de puramente natural e dado em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura. Ainda que teóricas e intelectuais disputem quanto aos modos de compreender e atribuir sentido a esses processos, elas e eles costumam concordar que não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente. (LOURO, 2008, p. 18)

Cotidianamente são gerados debates, mesmo que involuntariamente dentro das esferas sociais, escolares, religiosas, que ordenam e constroem um ensino desta prática pedagógica e que fazem esses corpos serem estilizados e moldados de acordo com os locais e o modo de vida.

Estas orientações podem decorrer de campos consagrados e tradicionalmente reconhecidos por sua autoridade, como o da medicina ou da ciência, da família, da justiça ou da religião. Outras parecem surgir dos novos espaços ou ali ecoar. Não há uniformidade em suas diretrizes. Ainda que normas culturais de há muito assentadas sejam reiteradas por várias instâncias, é indispensável observar que, hoje, multiplicaram-se os modos de compreender, de dar sentido e de viver os gêneros e a sexualidade (LOURO, 2008).

Sendo oportuno dizer que estas transformações sociais que construíram novas formas de relacionamento e estilos de vida, profundas e perturbadoras, elas se aceleram ainda mais, nas últimas décadas, passando a intervir em setores que haviam sido, por muito tempo, considerados imutáveis, trans-históricos e universais.

As novas tecnologias reprodutivas, as possibilidades de transgredir categorias e fronteiras sexuais, as articulações corpo-máquina a cada dia desestabilizam antigas certezas; implodem noções tradicionais de tempo, de espaço, de religiosidade, de "realidade"; subvertem as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar ou de morrer (LOURO, 2000).

Neste momento, percebo que através das práticas pretagógicas o desejo de contribuir com uma proposta curricular diversa, que contemple temas transversais na formação do indivíduo fica mais real e palpável. Tento em vista que tal referencial teórico fomenta a valorização da cultura afro-brasileira e afro-cearense, em um formato amplo que abarca todas as temáticas e suas identidades, permitindo uma educação mais humana e completa.

Práticas estas que me permitem pensar fora da caixa na esperança encontrar e elaborar uma educação mais acolhedora, valorizando as experiências tanto da coletividade quanto da individualidade, corroborando com este pensamento, destaco:

Fui expondo a elas que tinha por intenção discutir questões relativas ao currículo a partir de suas concepções e saberes do grupo, e que para tal ação usaríamos não somente a escrita e a oralidade, mas também a produção de desenhos. [...] Para desenvolver esse momento, inspirei-me no método de pesquisa e aprendizagem chamado Sociopoética, por acreditar que: [...] pesquisar com o corpo todo significa desencadear as potências criadoras das pessoas e descobrir o imaginário muitas vezes esterilizado pela rotina massacrante do cotidiano. A liberação das capacidades artísticas adormecidas é geralmente vivida pelo grupo [...] como um fluxo de auto-liberação muito importante, ao descobrir ou reativar suas potencialidades abafadas no dia a dia (PETIT, 2009, p. 7 *apud* SILVA, 2013, p.47).

O que me faz refletir sobre estes corpos, essas identidades e quais papéis eles podem representar e reafirmar valores e ensino não só religioso, mas também de formação crítica enquanto indivíduos sócio-políticos. E o quanto a filosofia ancestral dos Orixás pode ajudar nesta formação educacional através de suas práticas cotidianas.

4.3 Transgeneralizar o candomblé

Ao pensar sob a ótica do candomblé parto de um solo arenoso e vulnerável, principalmente quando pensamos como esses saberes religiosos adquiridos podem e devem colaborar com a formação dos indivíduos e suas especificidades.

Tendo em vista que qualquer religiosidade que não corresponde à majoritária sofre uma perseguição desde um comportamento religioso, sexual ou transversal do estabelecido pelo seu sexo biológico e comportamentos diferentes do sugeridos pela lei de Deus, devem ser combatidos rigorosamente (SILVA; MELO; SILVA; DIAS, 2016).

Corroborando com esta afirmação à medida que busco debater temas como este, torna-se importante perceber que a questão fundamental de se interessar pela cultura, religião, sexo, de certos povos, por parte dos socialmente dominantes não é a intenção de conhecer, entender

ou caminhar lado a lado com o desejo de restituir a humanidade de grupos oprimidos (RIBEIRO, 2019).

Como a educação recebida no terreiro, efetivamente contribui com os estudos de gênero, de modo que acontecem e perpassam ao saber ancestral dos Orixás. Evidencio também que ao estudar gênero, os papéis são socialmente representados e definem o indivíduo automaticamente nas suas representações. Papéis estes que definiram inclusive o seu grau de masculinidade e feminilidade (QUIRINO, 2017).

Ao acompanhar parte desse processo de como se dá a presença do masculino e do feminino no terreiro, se percebe a importância do debate acerca das identidades de gênero e suas mais variadas formas, bem como seus papéis dentro desta estrutura religiosa.

Isto definirá também em que grau de desigualdade de gênero este sujeito será inserido. E tudo aquilo que desviar do “ser homem” ou do “ser mulher” na perspectiva do biológico sofrerá represália (QUIRINO; ROCHA, 2012).

De modo que para compreender estes fenômenos dentro do espaço sagrado do candomblé, faz-se necessário absorver este arcabouço teórico das práticas pedagógicas contidas nas oralidades, percepção do corpo e representações vividas e reafirmadas frente aos saberes dos Orixás.

No tocante à pedagogia de gênero nas religiões de matrizes africanas é um debate latente. A homossexualidade em si não é questionada, entretanto a transexualidade e a travestilidade, ainda é um tabu (IFADIREÓ; SILVA, 2019). Dessa forma, o gênero ainda é definido pelo sexo biológico dos indivíduos e mesmo nas religiões não-hegemônicas ainda entendem o gênero e identidade de gênero são compreendidas a partir do par binário (QUIRINO, 2014).

Quando trato da temática de gênero e suas representações ainda continuamos de algum modo dentro de um binarismo heteronormativo muito presente sempre voltadas ao sexo biológico, em um formato que qualquer possibilidade de transição ou simplesmente de buscar a intercessão deste caminho faz com que a travessia seja ainda mais difícil e brutal em algumas culturas, sociedades e comunidades religiosas (MELO, 2017).

O que é fortalecido na pedagogia do terreiro quando se entende que sua cultura é efetivada por seus ritos, festas, danças, mitologias, comidas e por seus corpos. Que criam e recriam o tempo todo com seus saberes e legitimam seus conhecimentos através das suas próprias cosmovisões e identidades, uma vez que estas sofrem interferências socioculturais

que se relacionam diretamente com a experiência não só individual como também coletiva (MACEDO; MAIA; SANTOS, 2019).

De modo que compreendo estes corpos ainda não se renderam a um “binarismo natural” e que quando aplico esta perspectiva na pedagogia do terreiro esses corpos estão sempre sitiados, sofrendo destruição e modulação pelos próprios termos da história. E esta cria valores e significados por uma prática homogeneizante que exige a sujeição do corpo (BUTLER, 2012).

Nesses espaços existe uma convivência naturalizada de crianças e adultos pautada na filosofia e costumes ancestrais dos Orixás. O que projeta para uma movimentação dos indivíduos para pertencer a um ambiente rico e diverso, de falas, identidades de gênero, cores, condições sociais, aromas e sabores, e têm um sentimento de pertença desta cultura (MACEDO; MAIA; SANTOS, 2019).

Esses construtos de identidade servem como pontos de partida epistemológicos a partir dos quais emergem a teoria e a política formuladas. Neste sentido, a história desses corpos constrói a criação de valores e significados por uma prática significativa que exige a sujeição do corpo (BUTLER, 2012).

Acredita-se que existe espaço para todos os corpos, sejam eles binários ou não, sejam cisgênero ou transgênero no mesmo parâmetro de igualdade e importância. Tendo em vista, que a pedagogia do terreiro se complementa com a pedagogia do gênero ao possibilitar recriações de linguagens pedagógicas que possam influenciar positivamente as políticas educacionais que acolham as diferenças e acredita-se que as religiões de matrizes africanas agem como berço disseminadores de cultura (MACEDO; MAIA; SANTOS, 2019).

Compreendo que os estudos de gênero e o processo educacional destes corpos acontecem através de uma construção social que tem como principal mecanismo suas performatividades. Onde cosmovisão africana pode legitimar essa diversidade de indivíduos, mesmo que estes sujeitos transgridam a heteronormatividade socialmente estabelecida. Entendendo possível acontecer este trânsito de forma pacífica e respeitosa a medida que o conhecimento é absorvido nestes espaços de formação, possibilitando uma identidade efetiva e ideal dos sujeitos (BUTLER, 2012).

Tornando cada dia mais interessante e necessário à discussão e debate desta temática, em outras palavras, o gênero se faz por meio de:

Os atos, gestos e desejos produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de

ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performáticos, no sentido que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos (BUTLER, 2012, p. 194).

O que torna este debate entre transgêneros sempre um fio condutor de uma linha muito tênue. Pois estes corpos são construídos ao longo do tempo, onde rompem com uma estrutura física e sólida edificada socialmente que tenta a todo custo marcá-los em um modelo heteronormativo e estilizado por uma repetição de atos. Produzindo um efeito do gênero através da sua visão de mundo, concepção religiosa, comportamental e de estilos corporais de vários tipos, que constituem a ilusão de um eu permanente marcado (BUTLER, 2012).

Corroborando com o exposto, a pedagogia do terreiro ganha força principalmente quando se percebe como são tratados esses valores civilizatórios que ocorrem dentro dos espaços sagrados das religiões de matrizes africanas. O que acontece de forma bem diferente seja na escola ou em religiões cristãs. Compreendo que o terreiro de candomblé vira um lugar de cruzamento de uma formação educacional diferente das demais. Momento que por vezes sofre perseguições para conduzir novos modelos (MACEDO; MAIA; SANTOS, 2019).

Neste contexto, entendo adequado a cada momento a utilização teórica das práticas pedagógicas, trazem aportes de construção, algo em permanente estado de maturação, uma vez que necessita de ser lapidado e depurado, o que significa dizer: receptivo e necessitando de novas contribuições (SILVA, 2013).

O que nos faz reafirmar o terreiro de candomblé como o instrumento ideal de formação e acolhimento para esta prática presente em seu cotidiano de formação educacional. Sendo necessário trazer ainda mais esse debate frente aos seus membros para que possa incluir toda a sua gama de diversidade de indivíduos que são devotos do culto dos Orixás de forma mais digna e humana possível, preparando todos para além dos muros do espaço sagrado que além de promover a fé pode e deve promover cidadania.

5 NARRATIVAS DE ATRAVESSAMENTO

Nessa seção do trabalho opto por trazer a compreensão dos caminhos traçados por mim ao longo desta busca sobre essas narrativas (auto) biográficas, apresento então todo esse caminhar metodológico da pesquisa em tópicos acerca do tipo de estudo, local em que o estudo foi realizado, os instrumentos, procedimentos e detalhamento de como ocorreu à coleta de dados, a organização, análise e apresentação dos resultados, os aspectos éticos que foram atendidos e o artefato audiovisual como produto desta pesquisa.

Entrelaçando saberes e caminhos percorridos, fazendo uma intersecção entre o descrito como referencial teórico-metodológico, busquei na minha ancestralidade negra o entendimento da educação pretagógica recebida no terreiro, valorizando as experiências e práticas orais que ganharam forma e vida através do embasamento metodológico das narrativas (auto) biográficas, aqui pautadas na modalidade da narrativa de experiência religiosa. Para uma compreensão que a formação religiosa tem uma importante participação na formação do ser que reside em sua individualidade e transmuta na sua coletividade.

5.1 Narrativas (auto) biográficas

Este estudo me direcionou ao encontro com um tipo de pesquisa que denominamos de narrativas (auto) biográficas em uma modalidade narrativa da experiência religiosa, com uma abordagem qualitativa de análise interpretativa.

E nesta modalidade narrativa faz o pesquisador carregar consigo uma pluralidade grande de informações recebidas, e uma necessidade técnica que articula todos esses tempos e lugares, fazendo com que cada relato e cada narrativa seja composta de uma importância única na construção da pesquisa (OLINDA, 2020).

O que me faz perceber o quanto foi importante trazer esses atravessamentos e narrativas seguindo uma ordem cronológica cênica que começa narrando a vida, a travessia com o encontro das identidades de gênero e só após atravessar no sentido religioso, para que seja feita uma melhor compreensão de que recebe essas informações entre tempo, espaço e vivência.

De modo que esse arcabouço metodológico ocorre através de um levantamento teórico, atrelado a um ciclo de entrevista com uma participante que tinha uma vivência, prática e experiência da realidade com o objeto de estudo. Tudo isso, fazendo uma análise

destes sentidos que estimulam uma compreensão acerca do conteúdo adquirido (PRODANOV; FREITAS, 2013).

O que possibilitou analisarmos inclusive cenas implícitas, esquecidas ou mesmo evitadas. Temas sobre os quais os sujeitos não quiseram ou não puderam falar, por resistências psicológicas, mas que aparecem em atos falhos, meias palavras e lapsos, não serão tratados aqui (OLINDA, 2020).

Este método ainda nos possibilitou fazer variadas articulações que despertam e respondem as questões fundamentais desta pesquisa que está em analisar o tripé proposto entre educação, transgêneros e o candomblé. Compreendendo como a educação contribuiu para o pertencimento religioso e como essa religião ensina seus fiéis para além de uma perspectiva doutrinária, mas sim sociopolítico e cultural.

Neste sentido, esta pesquisa possuiu um planejamento flexível, o que permitiu ao pesquisador vislumbrar e se perceber por vários ângulos e aspectos sob o tema proposto ao debate.

Na dimensão (auto) biográfica acreditamos que este formato emancipador de construção de saber, o fato pesquisado será mais bem partilhado, compreendido e socializado, através de formações e intervenções comunitárias pela via biográfica da comunidade pesquisada (OLINDA, 2020).

Neste sentido, as narrativas (auto) biográficas têm várias possibilidades para absorver essas histórias sensíveis como narrativas de vida, narrativas de formação e narrativas da experiência religiosa.

A pesquisa com narrativas (auto) biográficas em educação tem um condão poderoso com a comunidade pesquisada. A característica de dialogar com o objeto, é fundamental para todo o processo de investigação. O que permitiu a participação ativa e autoral daqueles que decidem aceitar o convite para participar da pesquisa.

Seja revendo suas vidas em sua globalidade, seja problematizando em conjunto o tema. Este diálogo permitiu criar uma relação intersubjetiva do tema com os sujeitos biográficos. De modo, que se ancora no paradigma singular-plural, uma vez que entendemos que a subjetividade e a historicidade dos indivíduos são inerentes ao processo de narração em si. Ao mesmo tempo em que narra, vai fazendo um balanço dos seus processos, aprendizados e formação recebida (OLINDA, 2020).

O que torna a modalidade mais adequada para fazer a análise desta coleta sensível é o modelo de narrativa da experiência religiosa, o que faz o nível de complexidade aumentar,

pois sua tessitura se dá no universo simbólico partilhado na cultura e no grupo religioso em que o sujeito está imerso, expandindo a narrativa para outros espaços e tempos, tantos materiais quanto simbólicos (OLINDA, 2020).

Esta análise ainda consegue contemplar o que foi silenciado frente à prática pedagógica que ocorre de forma cotidiana do terreiro e como essas concepções deste personagem em foco em um ambiente que é coletivo e individual ao mesmo tempo, frente a sua formação sociorreligiosa pautada na filosofia ancestral dos Orixás.

A coleta de sentidos da pesquisa ocorreu em três fases distintas, com a utilização de diferentes instrumentos, que foram descritos a seguir.

Fase 1 - Revisão

Nesta primeira fase foi utilizado o método do estado da questão para que fosse realizado um levantamento das produções de teses e dissertações na área da educação sobre a temática proposta para esse trabalho. Nesta compreensão, teve caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que se buscou investigar (NÓBREGA-TERRIEN; TERRIEN, 2004). O que possibilitou de forma concreta um panorama geral da atualidade nas pesquisas realizadas sobre o tema.

Fase 2 – Exploratória

Na segunda fase, a exploratória, que ocorreu por meio de contato *online*, com o intuito de identificar os terreiros que continham a população desejada, para que pudesse captar o público que se identificava enquanto transgênero. Utilizamos a técnica da bola de neve (*snow ball*). Esta técnica metodológica é uma forma de amostragem não probabilística, muito utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que ocorra a saturação, ou seja, o objetivo proposto seja alcançado. Assim, a saturação de sentido, ocorrerá quando as respostas dos novos entrevistados forem se repetindo com a das entrevistas anteriores (BALDIN; MUNHOZ, 2011).

Em um primeiro momento, foram esclarecidos aos/às participantes os objetivos da pesquisa, suas fases e procedimentos. Em Juazeiro do Norte localizei em torno de 20 terreiros de candomblé em atividade, eu enquanto sumo sacerdote de um terreiro de candomblé local e com ótima relação social com os terreiros, tive facilidade em localizá-los.

Busquei ter acesso se nas comunidades existiam ou não pessoas transgêneros como membros participantes. Em Juazeiro do Norte, não foi encontrado nenhuma pessoa que se (auto) declarasse pessoa transgênero, iniciada no candomblé.

No tocante à capital do Estado, Fortaleza, encontramos um maior número de terreiros de candomblé abertos e funcionando, em torno de 50 terreiros. Porém, encontramos quase a mesma dificuldade, com pouquíssimas pessoas que se identificassem enquanto pessoa transgênero.

O que tornou este trabalho bastante difícil de ser realizado. Mesmo quando conseguimos identificar pessoas transgênero pertencente a um terreiro e iniciada no culto dos Orixás, não conseguimos tanta disponibilidade e interesse por parte da comunidade para participar do trabalho.

Comecei a travar uma busca incansável e desgastante em relação à participação e colaboração para poder ouvir suas histórias. Neste sentido, foram localizadas sete pessoas transgênero iniciadas e todas pertencentes a terreiros de Fortaleza, sendo um homem transexual e as outras seis mulheres transexuais.

Neste momento, uma das pessoas quando procurada pelas redes sociais e tentado contato, tivemos a informação que tinha falecido. Uma não consegui contato durante todo o período do campo. Outros três, embora tenha conseguido contato, se mostraram absolutamente solícitos, mas em todas as investidas para marcar a entrevista ficavam remarcando para outra data, dando desculpas e dizendo que não tinham tempo para realizar a fala naquele momento. Seguindo o protocolo deixei os possíveis participantes à vontade e depois retomava com a abordagem para que não houvesse perigo de constrangimento de nenhuma das partes. Infelizmente, no período de setembro a dezembro de 2021, não consegui as entrevistas, embora tenha tido todo o empenho entre ligações, mensagens via redes sociais e *whatsapp* sem nenhuma resposta positiva alcançada. Assim, a pesquisa contou com um participante

Fase 3 – Autobiografia

A terceira fase foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada com uma participante. Foi realizada entrevista individualizada em encontro previamente agendado.

A (auto) biografia me permitiu vivenciar uma partilha única de intensa troca e pertencimento com a história de vida narrada da nossa querida Bruna, primeira mulher

transexual a colocar baiana que é uma indumentária ritualista exclusivamente feminina no espaço sagrado do terreiro de candomblé.

Este momento da pesquisa, obedeceu a um formato híbrido, seguindo um roteiro apropriado fisicamente e totalmente utilizado pelo pesquisador. Por ter um apoio claro na sequência das questões, a entrevista semiestruturada facilita a abordagem e assegurou, sobretudo a condução da entrevista, pelo fato das suas hipóteses ou seus pressupostos serem cobertos na conversa, facilitando a aproximação do pesquisador e pesquisado (MINAYO, 2010).

Nesta fase utilizamos as narrativas autobiográficas com a modalidade de narrativas da experiência religiosa, com base nos relatos pautas nas experiências da participante. Contidos em suas memórias, símbolos, ritos, doutrinas e vida comunitária. As narrativas foram analisadas através do método de análise interpretativa, tendo como base a modalidade de experiência religiosa em formato cênico.

A compreensão cênica entende, dessa forma, a narrativa como várias cenas que são articuladas e vão ganhando sentido na própria narração, que é vista como uma versão de si, criando novos sentidos, provocando articulações e projeções. Tendo em vista que, a narrativa também está impregnada de temporalidades que se entrecruzam – presente, passado, futuro – formando cenas ou conjuntos de cenas construídas por meio de uma mediação entre a “palavra dada” e a “escuta” atenta (OLINDA, 2020).

5.2 Transitar das narrativas

Esta pesquisa foi realizada entre os municípios de Fortaleza e Juazeiro do Norte. Ambos situados no estado do Ceará.

Fortaleza é uma cidade litorânea, a capital do Estado, que tem uma grande concentração de manifestações religiosas, fato que entendemos ser importante percorrer esse caminho de trânsito entre o interior e a capital. Para entender de forma mais ampla como o candomblé se manifesta no Estado.

Juazeiro do Norte está situada no sul do Estado do Ceará. Em uma região do semiárido nordestino, que é denominada como Cariri. Nome que vem da origem dos povos indígenas *Kariris* que habitavam a região. Sendo um polo cultural, religioso e comercial, abarcando uma diversidade de manifestações sociais e culturais.

A região atingiu destaque nacional por ser uma cidade que vive de um ciclo de romarias religiosas cristãs, através da figura ilustre do Padre Cícero Romão Batista, ou como

é conhecido, o “Padim Ciço”, que auxiliou na construção e emancipação do município. Neste contexto, Juazeiro do Norte é considerada a terra onde a religiosidade e a tradição religiosa da Igreja Católica estão arraigadas na organização sociocultural da cidade (QUIRINO, 2014).

Neste sentido, foi um trânsito importante a ser realizado, tendo em vista que minha vida religiosa começa na capital do Estado com os meus primeiros passos religiosos. E tem sua consolidação quando eu venho estabelecer minha vida pessoal, profissional e religiosa no interior, em Juazeiro do Norte, enquanto sumo sacerdote de candomblé, nesta terra mística e mágica que tem como plano de fundo a religiosidade latente neste local. O que tornou fundamental contar essa trajetória, para que pudéssemos recontar essas narrativas.

5.3 Narradores (auto) biográficos

Ao iniciar os estudos não tínhamos como mensurar a quantidade de participantes que seriam absorvidas por esse estudo e nem quantas narrativas teríamos para contar tendo em vista a diversas variedades de terreiros estabelecidos nas duas cidades.

Foram incluídos como participantes desta pesquisa indivíduos que fossem pertencentes ao candomblé. Os/As participantes foram recrutados pela técnica da bola de neve (*snow ball*).

Para isto, estabelecemos alguns critérios que viabilizaram a execução deste trabalho. Sendo os critérios de inclusão: ser adepto do terreiro de candomblé; ser iniciado para nos ritos dos Orixás; identificar-se como transgênero; ser maior de 18 anos de idade.

Foram estabelecidos como critérios para exclusão: os membros pertencentes ao terreiro do *Ilê Alaketú Ijobá Asé Logún y Oyá*, para evitar qualquer parcialidade na investigação tendo em vista que o pesquisador ocupa o posto de sumo sacerdote do local.

5.4 Como catalogar as narrativas

Foi realizada entrevista semiestruturada individual para que o entrevistado possa ter a oportunidade de explorar sua vivência sobre o tema proposto de forma espontânea, porém seguindo um roteiro anteriormente programado.

Neste sentido a entrevista não ocorreu nem totalmente aberta e nem totalmente fechada. Ela obedeceu a um formato híbrido, seguindo um roteiro apropriado fisicamente e totalmente utilizado pelo pesquisador. Por ter um apoio claro na sequência das questões, a entrevista semiestruturada facilita a abordagem e assegura, sobretudo a condução da

entrevista, pelo fato das suas hipóteses ou seus pressupostos serem cobertos na conversa, facilitando a aproximação do pesquisador e pesquisado (MINAYO, 2010).

De modo, que a entrevistas durou uma hora e meia, propiciando extrair o máximo de informações possíveis entre passado, presente e futuro da vida da participante.

5.5 Mecanismo sensível para uma coleta (auto) biográficas

Após catalogar todos os terreiros a serem pesquisados, identificamos algum/a participante que se identifique como transgênero. Ao ser identificado/a foi realizado o convite para participar da pesquisa e solicitado que indique pelo menos mais uma pessoa que se enquadre nos critérios de inclusão para ser entrevistado/a.

As entrevistas podiam acontecer dentro ou fora do espaço sagrado do terreiro, visando uma melhor comodidade para o entrevistado. As entrevistas eram para acontecer preferencialmente de forma presencial, respeitando e utilizando as medidas de segurança e o distanciamento social estabelecido em virtude da pandemia do COVID-19, porém optamos pela possibilidade das entrevistas ocorrerem de forma remota, por videoconferência, conforme as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Para a realização das videoconferências, foi utilizada a plataforma *Google Meet*. Esta plataforma digital foi escolhida pelo fato de, atualmente, estar sendo bastante difundida, utilizada na atualidade e de baixa complexidade em sua utilização. As entrevistas foram gravadas durante a videoconferência.

5.6 Narrativas por meio das experiências religiosas

A análise das narrativas ocorreu no formato das fases de coleta descritas anteriormente. Na primeira, o objetivo foi identificar o público-alvo dentro dos terreiros e captar suas participações. Compreendendo como foi seu processo de reconhecimento e identificação tanto como pessoa transgênero e como devoto da religião do candomblé.

Na fase da autobiografia, consigo realizar uma análise interpretativa das narrativas. Com este material, usamos de uma modalidade em uma compreensão cênica dos relatos, que desenhou uma trama da narrativa, buscando analisar como os sujeitos, se percebem dentro destes relatos. Para esta proposta da compreensão cênica, assim, se fez necessário estabelecer uma categorização de três conjuntos de cenas que estão em constante articulação e que envolvem a trama da narrativa.

Conforme descrevo a seguir o que os autores compreendem por cada cena:

A *primeira cena (C1)* reúne a escuta, os narradores e o mediador, recuperando o contexto da entrevista. O mediador tem um papel fundamental, considerando que sua escuta atenta/sensível pode levar a um engajamento por parte do entrevistado, que, por outro lado, o levará a fazer um balanço de sua trajetória, permeada pelas vivências do passado, pelo seu contexto atual e pelas suas projeções de futuro, que também são transformadas no próprio ato de narrar.

A análise da *segunda cena (C2)* envolve a vida cotidiana de quem narra, nas diferentes temporalidades, que são atualizadas no contexto de produção da narrativa. O passado é rememorado e interpretado com os registros do presente e com as projeções de futuro. O desafio é compreender as conexões entre as falas que envolvem as cenas, percebendo que um tema pouco falado pode trazer uma intensidade ou mesmo tornar visível um ponto esquecido. No jogo entre as cenas 1 e 2 emergem as cenas reprimidas ou esquecidas compõe a *terceira cena (C3)*. Esta cena traz as imagens implícitas, esquecidas ou mesmo evitadas. O trabalho da pesquisadora é o de levantar, no momento da análise, pontos gerais, articulações que foram quebradas, mudanças repentinas de assunto, e não o de mostrar pontos que o sujeito não quis que entrassem em sua narrativa, mas o de compreender que existem lacunas e que elas compõem a história (OLINDA, 2020).

Trago como ilustração o entendimento cênico das narrativas, onde no primeiro ato, busco apresentar as condições de como surge a participante aqui narrada, através de sua origem e história de vida. Um contato sutil e bastante zeloso para que possamos afinar laços e obter o máximo de informações dos narradores.

Compreendo que no segundo ato cênico, trago uma carga de subjetividade e sujeitos que contam seus relatos a partir do seu próprio conhecimento e experiência sobre si mesmo. Memórias estas que são construídas com sentimentos e frustrações permeando todo o seu ser e seu percurso enquanto indivíduo que afetam diretamente seus relatos.

No terceiro ato começo a perceber que todas as narrativas são necessárias para fazer uma melhor análise dos relatos e seus atravessamentos religiosos, percebendo que estas histórias não acontecem sozinhas e que tanto quem conta como quem escuta. Ambos participam desta construção e de que forma sua trajetória religiosa ajudam neste processo seja positivamente ou não na formação deste indivíduo e de sua comunidade.

Assim consigo perceber que ao final destas conversas, pode-se construir e absorver as veracidades subjetivas das informações através das repetições, dos atos falhos e dos silenciamentos nas narrativas, respeitando sempre o direito do indivíduo sobre suas trajetórias e memórias.

Corroborando com esta afirmação os pesquisadores buscam a compreensão dos significados no contexto da fala, em geral negam e criticam a análise de frequência das falas e palavras como critério de objetividade e cientificidade e tentam ultrapassar o alcance

meramente descritivo da mensagem, para atingir, mediante a inferência, uma interpretação mais profunda (MINAYO, 2010).

Neste contexto, destaco ainda que a pesquisa (auto) biográfica tem variadas dimensões, mas com três traços bem marcantes, como o intuito investigativo, formador e de intervenção social. Tornando necessárias conversas individuais, assim, procuramos tocar em alguns lapsos, atos falhos e repetições que identificamos nas narrativas, sempre respeitando o direito da outra ao silêncio sobre aquilo que ainda não consegue ou não quer elaborar (OLINDA, 2020).

5.7 Aspectos éticos

No tocante aos aspectos éticos, o estudo foi submetido para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Regional do Cariri (URCA), tendo sido aprovado por meio do parecer de número 4.964.465, contendo também um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a Autorização do Uso da Imagem (AUI), que foram preenchidos devidamente por um formulário criado no *Google* que foi previamente assinado e autorizado para a coleta de dados, bem como a anuência da participação dos indivíduos entrevistados para o estudo, permitindo total liberdade de participar ou não.

Vislumbrando inclusive a possibilidade do mesmo desistir a qualquer tempo, sem que isso lhe gerasse prejuízo de qualquer ordem. Sendo ratificado ainda que as informações obtidas, bem como os dados de identidade dos/as participantes foram omitidos.

Neste sentido, a coleta de dados, foi regada aos cuidados para que não houvesse riscos de constrangimentos, aborrecimentos ou problemas técnicos, seja por parte do pesquisador que conduziu a entrevista, seja por parte da participante. Todos os encontros, sejam presenciais ou virtuais, tiveram um prévio agendamento, sendo levado em consideração os melhores horários, local, formato e disponibilidade dos/as participantes.

Apontamos ainda riscos e benefícios para este trabalho tentando sempre conduzir esta pesquisa em um melhor formato e clareza em recontar todas essas narrativas compostas neste estudo.

5.7.1 Dos riscos

Os riscos decorrentes da participação na pesquisa foram mínimos e estiveram todos relacionados ao possível constrangimento em participar das reuniões *online*, ou aborrecimentos por problemas técnicos, os quais foram minimizados a partir da utilização de

plataformas virtuais já utilizadas pelos/as participantes, e também, através do agendamento dos encontros virtuais, que respeitou a disponibilidade e preferências de data e horários dos/as participantes.

5.7.2 Dos benefícios

São apontados como benefícios esperados com o estudo: a implementação de uma proposta de efetivação de direitos e compreensão de si e da sua relação com a religiosidade sobre a temática das relações de gênero, que possibilitou um desenvolvimento de capacidades importantes para o trato pedagógico da educação recebida nestes espaços de formação.

5.8 Artefato audiovisual

A produção deste produto é um resultado palpável de uma atividade seja por um docente ou discente como uma devolução e uma resposta social da pesquisa realizada. Podendo ela ocorrer de forma individual ou em grupo. Tornando esta pesquisa algo tangível, possível a todos, de forma que poderá ser tocado, lido ou visto, por todos. Contendo um ou um conjunto de atividades e instruções fruto do método de trabalho realizado. Neste sentido, o documentário foi confeccionado simultaneamente a produção da dissertação, para ser entregue junto à banca na apresentação da conclusão do trabalho (CAPES, 2019).

Entende-se por tanto que esta tecnologia conterà uma aplicação de conhecimentos científicos, técnicas e expertises usadas buscando soluções transformadoras e aplicáveis sobre a temática da pesquisa. Tornando possível o entendimento não só da comunidade acadêmica, como também a das comunidades pesquisadas e da sociedade civil (CAPES, 2019).

Neste momento, produzimos um artefato audiovisual que reproduziu parte dos relatos de forma que possa contemplar com maior fidelidade as informações adquiridas ao longo da coleta de dados da pesquisa. Buscando sempre impactar possíveis mudanças que o acesso à informação trazendo ao ambiente social. Bem como o modo de sua aplicação e socialização deste produto para que possa veicular com maior abrangência possível. Com um crivo inovador para que o ineditismo esteja presente dentro do olhar que esta pesquisa se dedica.

Este material didático tem como fins didáticos nas mediações de processos educativos de ensino e aprendizagem, visando sempre uma formação continuada e um melhoramento da absorção de saberes acerca deste tema em diferentes contextos educacionais. Podendo entender como audiovisual: a fotográfica, painel cronológico, programa de rádio, televisão, documentário, filme, teatro, websérie entre outros (CAPES, 2019).

6 NARRAR VIDAS EM ATOS: SERES, GÊNEROS E RELIGIÃO

Começo esta seção com o coração ainda cheio de dúvidas e receio, quando narramos histórias (auto) biográficas, narramos nossas perspectivas sobre tudo e todos, neste sentido trago meus atravessamentos e os dos demais que contribuem direta e indiretamente para construção deste trabalho.

6.1 Ato cênico 1 - (auto) biografia da vida

Neste momento denominamos como (auto) biografia da vida o primeiro ato cênico da narrativa, é pedido para a participante contar sobre sua vida, sua trajetória, sua família e como esses processos acontecem. Ao começar esta conversa a intenção era poder acessar as memórias relacionadas ao seu passado, como era a vida no decorrer de sua infância e quais lembranças permeavam suas histórias que a trouxeram até aqui.

Para começar vamos apresentar a participante: nascida e residente em Fortaleza, Bruna, resolveu chegar por aqui para sua narrativa compartilhar, uma linda mulher transexual, com 41 anos de idade, profissional autônoma e solteira. Mulher de fé e devota do candomblé, por lá ela tem outro nome que é o *Orunkó*², a mesma é iniciada há 14 anos.

De origem familiar do interior do estado, tem como ponto de partida Coqueiral e São Gonçalo do Amarante, locais com uma população pequena, onde todos os habitantes se conhecem. Mesmo assim, contou com o apoio da grande família, como tios e primos. Entretanto, para os pais a realidade de uma filha transexual foi difícil de aceitar de início.

Importante refletir sobre isso, porque quando pensamos em família e pessoas oriundas do interior a gente pensa em atraso de acesso à cultura e informação. No entanto, no caso narrado, Bruna contou com a simplicidade da vida do interior, a aceitação da família que valorizou as relações e ajudou neste processo.

Desta forma, buscamos as primeiras memórias, as histórias do tempo de criança. O intuito era criar uma atmosfera com a intenção de acessar estas lembranças mais antigas,

² É o nome que o noviço recebe do seu Deus ancestral, que é falado no rito de iniciação no candomblé. No caso, a Bruna chama-se *Odé Bó*, destacamos aqui uma breve explicação deste sagrado e importante momento na vida do noviço: “[...] *Iyalorixá* pede a alguém de destaque, que pode ser uma *iyalorixá* ou uma *ebome* de outro terreiro, para fazer o obséquio de tomar o nome do Orixá, lhe dá o *adjá* [...] ela pega o Orixá pelo braço, anda com ele no barracão e pergunta seu nome [...] ela pede, em nome de todos os Orixás, que grite o seu *orunkó*, e solta o braço do Orixá. Ele gira em torno de si mesmo, dá um pulo e grita o nome tão esperado” (COSSARD, 2008, p. 180).

guardadas em um local distante, ficando evidenciado seu desconforto com o seu corpo, jeito e comportamento imposto.

Ainda muito pequena não entendia as diferenças entre o que sentia e o que via ao observar seu próprio corpo biológico associado aos papéis de gênero esperados para ela: “Eu não me encaixava, eu sempre me achei diferente, eu nunca me encaixava, eu não gostava de brincar com meninos, não gostava das coisas de menino. E sempre tive relação com as coisas de meninas, de brincar com minhas primas”.

Compreende-se que em todos esses momentos de infância e juventude a formação do indivíduo vai acontecendo, construir ou produzir não é um simples ato de transferir conhecimento. O sujeito tem uma relação direta e intrínseca ao objeto e mutuamente que vai se transformando e moldando (FREIRE, 1997).

Relembra que sendo filha de um pai militar a educação recebida dentro de casa era muito rígida, sempre com muitas regras e modelos a serem seguidos. O que fazia sempre optar pela reclusão e evitar um contato social mais amplo.

Escutando essas narrativas, ocorre uma conexão com toda essa trajetória, tentando refazer e recriar para poder absorver o máximo possível deste aprendizado, corroborando com isto:

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez, mais claro que, embora diferentes entre si, quem se forma e reformar ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado (FREIRE, 1997, p. 25).

Somente com o avanço da idade e a maturidade, foi percebendo que existia um outro mundo, com muita diversidade. Conheceu o movimento LGBT³, mas não se sentia *gay*, somente foi compreender que era uma pessoa transgênero anos depois, já no tempo da sua juventude, somente ao ir a uma boate e ver duas mulheres transexuais que ela tem o despertar e começa a se reconhecer: “é aquilo, é aquilo que eu sou”.

Neste sentido, percebemos que este conflito é comum e ocorre ainda nos primeiros anos de vida, a comunidade transexual que ainda tem aflorado sua identidade muito cedo que acaba sendo doloroso aprender a lidar com os papéis sociais de meninos e meninas esperado e exigido pela própria família.

³ Sigla que significa: Lésbicas, *gays*, bissexuais e transgêneros.

Corroborando com este pensamento ainda destaco um trecho de Coelho:

Pedagogias de gênero e de sexualidade, com suas proibições e afirmações, acompanham a infância e demais momentos do desenvolvimento humano visando preparar o corpo para que este desempenhe com êxito, na grande maioria das vezes, as performances de gênero hegemônicas e se direcione para a vida referenciada na heterossexualidade (COELHO, 2012 p. 23).

E essa diferença na criação de meninos e meninas é uma das primeiras violências simbólicas que uma criança transexual terá que enfrentar na vida. A coisa normalmente é trata como iniciação: “meu filho, já está na hora de aprender a ser homem”. Para muitos brasileiros, a frase é seguida de um carro novo e de uma visita a um prostíbulo (ZANELATTO, 2015).

No momento seguinte, retomamos o diálogo após serem afirmados que algumas coisas lhe foram negadas ao longo deste processo de identificação, esses direitos negados na infância, hoje buscando nesta memória, surgiu a indagação de como é hoje para o hoje e perceber todo esse percurso. Acreditando ainda que os preconceitos, dos anos iniciais foram mais severos e marcantes para suas lembranças.

Trata-se de refutar a ideia de um sujeito universal – a branquitude também é um traço identitário, porém marcado por privilégios construídos a partir da opressão de outros grupos. Devemos lembrar que este não é um debate individual, mas estrutural: a posição social do privilégio vem marcada pela violência, mesmo que determinado sujeito não seja deliberadamente violento (RIBEIRO, 2019, p. 33).

Mas ainda hoje vivemos um preconceito bastante enraizado. Um olhar social sobre as pessoas transgêneros que são taxadas como marginais, o que coloca um sentimento de que o indivíduo é uma aberração, que acaba lhe excluindo socialmente, “até certo tempo quando eu comecei a minha transição, o mundo trans, elas se escondiam durante o dia e só saiam à noite”.

Isso pode ficar mais fácil de compreender quando entendemos o discurso através desta fala. Percebemos que uma mulher trans, além de reivindicar nome social, também faz parte do seu cotidiano ocultar traços historicamente associados ao masculino como barba, bigode, voz grave “que pode ser suavizada com hormônios femininos e, principalmente, com treino vocal” (COELHO, 2012).

Quando a Bruna começa a surgir no mundo era o final da adolescência, começo da vida adulta, sendo necessário se afastar da família e amigos para buscar seu sonho, período que sai do Ceará e vai morar em São Paulo. A vida da mulher Bruna começa a existir de fato e a ser marcada como a da maioria delas, sem família, sem apoio, começa a trabalhar como acompanhante na noite.

Passando muitos anos por lá, de lá para outros estados, inclusive chegando a morar fora do Brasil. A importância das narrativas (auto) biográficas é justamente perceber em seus discursos como a vida vai punindo de oportunidade as pessoas que transgridem as normas sociais. Em outras palavras, para falar sobre transgêneros, torna-se imprescindível ouvir seus depoimentos, e não apenas teorizar sobre a questão sem considerar suas emoções, vivências e, sobretudo, seu olhar sobre si mesmo e o mundo à sua volta (BERUTTI, 2010).

Uma das cenas deste ato de acessar o passado, a origem, a família, perceber como essa relação ficou abalada dentro de casa. Mulher trans, profissional do sexo, além do risco da profissão acumulado com a não aceitação familiar. Teve que lidar com a depressão do pai, que não conseguia nem se sentar à mesa com ela para fazer as refeições.

Conseguindo aqui demonstrar o quanto esse processo educativo domiciliar social é uma raiz que marca toda a sua trajetória. E que traz na possibilidade do ser humano inacabado ter em sua natureza a sua própria essência e consciência. Decidindo-a por sua própria ética transgredir, ligada sempre ao interesse da sua relação de se encontrar na busca do respeito sem agredir o outro, mas também não podendo deixar de ser seu próprio eu (FREIRE, 1997).

Carregar o estigma de ser a primeira transexual da família, tinha como única aliada neste processo a reafirmação da sua conduta, sua postura e educação para poder com isso tentar legitimar seu gênero, seu gênero humano. “E assim começaram a me aceitar mais, meus próprios pais, então eles começaram a se lapidar por causa disso. A família inteira teve aceitação e minha família se sentiu segura e aceitou o que eu era”. Quando escuto este trecho desta narrativa percebo o quanto é solitário esse percurso e o quanto é legítimo, inclusive dentro da própria comunidade *gay* existe um distanciamento com as pessoas trans, além de não terem apoio na família, elas também não encontram apoio na comunidade, se tornando um povo muito singular, com característica básica a pessoa transexual o fato de não ter família; ele/ela vive nas ruas e não há ninguém para cuidar dele/dela (BERUTTI, 2010).

O que explica o porquê da escolha da profissão de acompanhante, de se tornar uma profissional do sexo, para conseguir dinheiro e fazer seu trânsito, realizando assim o sonho de

se ver no espelho e gostar do que enxergava. Neste sentido, ser acompanhante deixa de ser apenas uma opção e passa a ser uma questão de necessidade.

Ao analisar a transição e a relação com a família, fica demonstrado que a perseverança foi a maior qualidade para poder realizar o sonho de transitar, porque a solidão e os desafios eram imensos e a fizeram questionar, desistir, abandonar tudo que se é por conta de um peso social, “as pessoas pensam que é fácil ser uma mulher trans e não é, existem muitas coisas, muitas coisas mesmo”.

Quando percebemos nas entrelinhas desta fala “*muitas coisas, muitas coisas mesmo*”, começo a refletir aqui sobre os estigmas acompanhados das transições e dos comportamentos divergentes frente aos papéis sociais esperados, seja pela família, seja pela sociedade local, Tornando importante destacar o conceito de estigma e entender que quando pensamos em transição, deixamos então de ver aquele indivíduo como pessoa “normal” para reduzi-lo a um ser “diferente, estranho e menosprezado” (MISSE, 1981). Assim ainda destacamos:

A classificação social do que pode construir a base para um estigma, em outras palavras, o discernimento social do “defeito” ou da “diferença” é uma forma de estereótipo e como tal, possui elementos etnocêntricos (MISSE, 1981, p. 23).

6.2 Ato cênico 2 – narrativas das identidades de gênero

Ao falar em transitar, fomos buscar entender como se deu esse processo, que é complicado ao perceber o local que se estava, no Nordeste, uma situação precária, pouco dinheiro, poucos lugares que se sentia bem em ir, então chegar a São Paulo foi fundamental. Conseguir trabalhar, conseguir aos poucos modificar o corpo, as cirurgias plásticas para reconhecer como a pessoa que é.

A satisfação de poder se olhar no espelho é algo buscado e tentado por todos. Com as pessoas transexuais não é diferente. A entrega ao caminhar do trânsito perpassa muito o poder enxergar-se com satisfação. Ouvindo toda essa narrativa, trago um trecho que descreve bem esta fala:

olhar-se no espelho passou a ser motivo de vergonha, era uma agressão. Em vez de esclarecer, o espelho confundia. Mesmo sendo uma menina linda, se sentia horrível. Parecia ser simples ser menino; era só ser. Mas como, se o corpo dizia, em letras carnudas: me-ni-na? E ainda havia outra coisa: as pessoas... (ZANELATTO, 2015, p.59).

Eu acompanhei um pouco da sua transição na minha trajetória no candomblé, mas percebo que a transição propriamente dita é um movimento grande, longo e demorado. Compreender a diferença, se conhecer e viver o mundo da transexualidade é uma luta de resistência. Esse reconhecimento faz você perceber que esse trânsito é seu, individual e que vai acontecendo à medida do reconhecimento e da sua reconstrução enquanto sujeito: “já nasceu comigo, dentro de mim mesmo, ferrada, não tem como, já nasci para esse carma, felizmente eu corri para ser quem eu era”.

Quando dimensiono esta narrativa, percebo que é uma situação que transcende o corpo físico, requer uma adequação desde o seu comportamento e performatividade da pessoa. Uma necessidade de reproduzir uma conduta social estabelecida de acordo com o sexo cujo qual se identifica, para que possa se sentir incluído e adequado. Conforme destaco:

Como imitações que deslocam efetivamente o significado do original, imitam o próprio mito da originalidade. No lugar de uma identificação original a servir como causa determinante, a identidade de gênero pode ser reconcebida como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de gênero primário e interno marcado pelo gênero, ou parodiam o mecanismo dessa construção (BUTLER, 2012, p.197).

Quando se vai transitando, o corpo vai mudando e com isso outras questões vão surgindo e acompanhar tudo isso é uma situação que foi trazendo muita felicidade a cada degrau que estava subindo, mesmo sabendo que era uma longa escadaria. Com o tempo “você vai fazendo montagem, vai modificando o corpo, mutilando, para poder transformar um corpo masculino até se tornar uma mulher”.

Para que isso ocorra, “existe um acompanhamento psicológico necessário, muitas plásticas e repouso, o reconhecimento da própria cabeça, aceitar o próprio corpo, olhar os resultados, se satisfazer e se realizar com o resultado”.

Ao fazer a análise desse trecho da narrativa a gente percebe na fala o quanto esse processo é importante, mas também o quanto é dolorosa essa travessia. O quanto isso pode atormentar o dia a dia da pessoa, para poder se reconhecer neste processo de pertencimento de si e de como a sociedade lhe percebe também.

Nesse contexto, percebemos o papel fundamental do medo presente nesse processo. É um canal de transmissão das estruturas sociais à estrutura psicológica individual. Incutir medo – seja através de punições ou ameaças explícitas ou de mecanismos velados de negação da

aprovação social – está entre as estratégias de socialização pelas quais valores e normas são transmitidos, assim o medo está entre os sentimentos com os quais o indivíduo exerce o autocontrole (REZENDE; COELHO, 2010).

“Nesta trajetória infelizmente eu fui muito sozinha, minha geração não tinha tanto acesso e nem conhecia muitas pessoas transgênero. Quando encontrava era meio uma afastada da outra, não se criava muito laço, até hoje não se tem muita união, é meio um barco de uma pessoa só, cada uma vive sua travessia sozinha mesmo, a gente é uma coisa meio solo. Cada uma é uma pessoa solo, não tem um grupo”.

Acredito que toda essa situação tenha a ver com a estrutura social que é imposta. De modo que a própria sociedade segrega e coloca à margem, deixando as pessoas transgêneros nesta vulnerabilidade proposital. Como teias de estruturas e sistemas simbólicos que utilizarão de instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem (BOURDIEU, 2000).

6.3 Ato cênico 3 – transexualidade no candomblé

O terreiro acontece na vida de Bruna antes mesmo da transição propriamente dita. “Ainda adolescente a gente vai se descobrindo, conhecendo pessoas, até que conheci um rapaz que era iniciado” e com o estreitamento desse diálogo, o assunto religião chegou. “Ele já iniciado ao Orixá *Oxum*⁴ e me mostrou a religião, o que causou um grande encantamento”.

Entre visitas, começou a frequentar a casa de axé e lá acabou por conhecer a *Iyalorixá* Ilza que depois viraria ser sua mãe Ilza, pessoa que se tornaria sua mentora espiritual. Neste período ainda estava na subida para sua transição, anos depois com sua saída do Ceará é que a transição começa a ser efetivada. “Por isso que eu sempre falo foi *Oxum* que me escolheu, o candomblé que me escolheu, e todos os meus caminhos sou grata a *Oxum*”.

Ao fazer essa partilha, me veio à cabeça, várias dúvidas e questões que passam na vida de cada noviço, de cada pessoa que vem se chegando ao terreiro. Um espaço místico, mas secreto que nos faz precisar de uma rede de apoio para encarar essa viagem cheia de encanto e magia. Um recém-chegado é um olhar novo sobre si e ao mesmo tempo um olhar novo sobre todos, cheio de manias e descobertas.

⁴ Oxum – divindade feminina, Orixá muito vaidosa e seu metal é o ouro. “Mulher encantadora, personifica a beleza, o charme, a sensualidade. É dona das águas doces e das cachoeiras” (COSSARD, 2008, p. 52).

É imprescindível perceber dentro das casas de axé que este processo de descoberta de costumes e formação educativa, deve sempre ser vivido através da cosmovisão africana o que traz em seus costumes cotidianos e a oralidade dos seus ancestrais o rigor necessário para o ensino e a valorização do indivíduo (SILVA, 2013).

Um novo mundo cheio de adaptações e ensinamentos, inclusive demonstrado na prática, papéis definidos para homens e mulheres em um sistema binário social de organização. Uma grande diferença no candomblé é que os africanos tentam trazer os seus deuses à terra, onde os possam ver e ouvir. E esse é o trabalho mais notável das mulheres que são sacerdotisas em um templo (LANDES, 2002).

Vive-se muitas dificuldades, por agora trazia no corpo todas as formas e marcas tão desejadas, para viver em uma religião que traria outras marcas e outras normas de condutas. Mesmo com muito amor ao *Orixá* e sabendo que ele enxerga a gente como é, tinha que aprender a lidar com o olhar do outro e também com as regras sociais locais que formam a religiosidade não só individual, mas coletiva que compõe toda a atmosfera e dinâmica do terreiro.

Tendo na figura da mãe Ilza de *Oxum*, uma mulher muito austera em termos de pensamento, uma mulher idosa, era uma matriarca, então “essas pessoas tinham a cabeça muito fechada, como eu disse, nos anos oitenta, noventa, ainda tinha a cabeça muito arcaica para a transexualidade”. Mesmo já existindo outra pessoa transexual lá, o comportamento exigido era que se adequasse ao sexo biológico e isso incomodava muito.

Situações como esta que fizeram por muito tempo questionar se devia passar pelos ritos de iniciação ou não, porque amar o *Orixá* era indiscutível, mas suportar todo o preconceito velado e um comportamento pautado dentro de um padrão binário heteronormativo é que era questionado.

Aqui fica evidenciado que o comportamento do corpo é marcado não só pelo seu sexo biológico e não só pela sua performance, mas também pela forma que se apresenta e se veste. E entender a importância da vestimenta, não tem a ver com agredir ninguém e nem chamar atenção de ninguém. O que se espera é se sentir bem com o que vê e veste toda vez que se arrumava como menina, se sentia um travesti (ZANELATTO, 2015).

Situações que tinha que administrar e conciliar, “o *Orixá* me aceita como eu sou, eu amo o candomblé, mas para estar no candomblé tenho que seguir normas e condutas que são estabelecidas mais socialmente do que ritualisticamente”. O que gerava um tormento muito

grande, um sentimento de frustração, “mas o meu amor ao candomblé, meu amor ao orixá, o meu amor a minha *Iyalorixá*, era muito maior do que a minha dor”.

Neste período a ferida permanecia aberta e a qualquer tempo, qualquer um podia ir lá e cutucar. A sensação de estar mal se tornava cada vez mais companheira e a parte de vestimenta dentro do terreiro era a parte mais dolorosa. E ao observar alguns outros terreiros que também tinham pessoas trans a realidade era a mesma. “Eram obrigadas a se vestir de homem e era trans também assim como eu, eram transformadas, eram mulheres e a gente era obrigada a se taxar como homem”.

O que faz tão necessário continuar a discutir e refletir a educação recebida dentro do espaço sagrado do terreiro promovendo sempre uma educação voltada às práticas pedagógicas que reafirmam a todo o momento a importância das experiências cotidianas, na aceitação dos corpos, e na validação das falas, pois deve ser interdisciplinar e reconhecer que a filosofia ancestral africana passa além de um ensino meramente religioso (SILVA, 2013).

Entender estes discursos faz com que se perceba que as relações sociais são apenas como uma trama que legitima ou negam as identidades sociais. Interferindo desde a linguagem, comportamento e demais atributos sociais, seja no plano simbólico, uma determinada forma de estigmatização (MISSE, 1981).

Neste relato percebo que o fato de silenciar alguns diálogos, especificamente sobre identidade de gênero e sexualidades foi o que tornou a vida pacífica e tranquila dentro do terreiro. Mesmo com um corpo em trânsito, esse mesmo corpo foi silenciado durante muito tempo, como se ali ele só existisse no âmbito espiritual.

Como se o binarismo fosse a forma da perfeição e esse fosse único modelo, definido por parte dos membros e não pelos deuses, o modelo correto, porém para os descendentes do Candomblé as anomalias existem em todos os indivíduos, o que faz parte de cada ser humano, porque se entende que ninguém é perfeito e todos são definidos assim aos olhos do *Orixá*, então os deuses africanos reconhecem todos como são, incluindo todas as imperfeições (COSSARD, 2008).

Neste sentido, esta postura binária dentro do terreiro reafirma que o preconceito acontece seja de forma velada ou expresso, tanto que no momento da iniciação, muitas das autoridades da casa de axé, trouxeram o questionamento de como fazer um Orixá homem na cabeça de uma mulher trans, o santo vai ser afeminado, vai ter maneiras diferentes.

Fazendo até com que a mãe Ilza questionasse esta questão da transexualidade como um problema a ser resolvido para a iniciação, mas *Oxóssi*⁵ não abriu mão de ser iniciado. “Ele era o dono da minha cabeça, aí foi quando ela disse se *Oxóssi* quer, não posso fazer nada, vai ser ele mesmo. Se ele está lutando, brigando pela cabeça dela, então vai ser ele mesmo. E *Oxóssi* não abriu mão”.

De modo que a palavra final do Orixá se fez valer frente à vontade do indivíduo como deve ser sempre que tratarmos de fé e fatos religiosos, só que neste caso específico a divindade fez com que a mãe de santo fosse contra ao próprio pensamento dela e da sua comunidade. Mas, a sua postura de assumir a vontade dos deuses gera uma crença indiscutível, sem ser passível de questionamento. Gerando uma estrutura sólida e concreta aplicada em todo contexto social local.

[...] Na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença? O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder (BOURDIEU, 2000 p.14 e 15).

Refletindo sobre esta questão percebemos que o culto ao Orixá agrega tudo e a todos. Mesmo assim é regulado pelas pessoas que o compõe e isso faz com que seus valores sociais e preconceitos sejam percebidos dentro do espaço sagrado do terreiro. “O culto ao Orixá é diferente, seu culto não tem preconceito ao pegar uma pessoa transexual, seja homem, ou mulher trans, uma pessoa deficiente, cego, surdo, o Orixá não tem isso, todos são iguais perante o sagrado”.

Neste momento a gente não vai tratar aqui sobre ritualística específica de nenhum culto. Tento em vista que cada terreiro se organiza de uma forma, construindo assim sua verdade religiosa. E que também esse trabalho em momento nenhum tem intenção e interesse de avaliar ritualisticamente nenhum terreiro e suas liturgias.

O único intuito de trazer esta narrativa descrita aqui é afirmar também que não se existe a intenção de discutir com os dogmas locais. Tento em vista que o culto dos Orixás não te exclui de nenhum processo espiritual independente da tua identidade de gênero, mas

⁵ Oxóssi – divindade masculina, ligado aos cultos das matas. “É o caçador que dá fartura ao povo, providenciando as carnes que alimentam os homens [...] Pelo fato de andar muito no mato, atrás dos bichos, ele sempre encontra novos lugares onde se estabelecer” (COSSARD, 2008, p.40).

existem alguns ritos e Orixás específicos que tem uma relação com a biologia corporal do indivíduo e isto é entendido e aceito de bom grato pela comunidade.

Até porque cada iniciação e comunidade tem um processo diferente segundo a sua nação. Todas têm em comum a sacralização e o seu condicionamento, seguindo um ritual muito preciso para receber o Orixá (COSSARD, 2008).

O que nos faz questionar se em algum momento foi conseguido falar sobre gênero, se existe a preocupação por parte das autoridades ou das demais pessoas que constroem a comunidade do terreiro. É notório perceber as diferenças entre todas as pessoas que fazem parte do terreiro. E entende-se que o orixá entende e recebe a todos como são.

Ou seja, a sexualidade e suas identidades, bem como a orientação sexual dos seus fiéis são percebidos pelo Orixá e por todos os membros efetivos locais, mas então “porque esse debate é tão silenciado, tendo em vista que ele não pode ser invisibilizado, tendo em vista que o Orixá percebe todos os corpos e esses corpos falam?”

Em consonância com este trecho (auto) biográfico destacado, é entregue aos Orixás, a responsabilidade de reger o universo e dividem entre si as forças da natureza. Essas forças incluem não só espaço e tempo, como suas manifestações, animais de poder, plantas e elementos da natureza. No tempo, incluem-se todos os fenômenos naturais: como nascimento, crescimento, atividades humanas, doenças, morte (COSSARD, 2008).

O que só reafirma meu entendimento, sobre as questões que tangem os corpos e suas sexualidades são sim pertinentes ao discurso e prática cotidiana dos terreiros de Candomblé. Pois a filosofia ancestral africana dos Orixás perpassa todo o ser e permeia todas as relações sociais individuais e coletivas. O que deixa ainda mais interessante a escuta e a partilha dessas narrativas que ocorrem em mim enquanto sumo sacerdote devoto do Candomblé e enquanto professor pesquisador.

Hoje percebo o quanto esses relatos, histórias de vidas, narrativas (auto) biográficas, o quanto articular a vivência com a educação se faz necessário e o quanto o espaço sagrado do terreiro é produtor de conhecimento e promovedor de educação. Percebo o quanto é difícil articular todas essas falas, em atos cênicos e o quanto é complexo falar de educação, gênero e religião tudo isso utilizando a modalidade das narrativas da experiência religiosa (OLINDA, 2020).

De modo que fica evidenciado o quanto o papel do sacerdote é fundamental neste processo de educação, que este seguiu o mesmo molde do professor educador. Que não se reveste exclusivamente no papel do detentor do saber, mas sim aquele que está no fluxo do

ensino e aprendizado. E com isso está sempre aberto à evolução e possibilidades diversas de se encontrar e conectar com o sagrado, fazendo total sentido ao estabelecido a essas forças oriundas da natureza.

Ao perceber essa mudança de postura de alguns sacerdotes, percebemos o quanto faz sentido um saber ancestral, o quanto o saber é transformador e o quanto o trânsito é constante e necessário, fazendo total sentido uma filosofia de terreiro:

Esse exemplo mostra que o ensinamento nunca se faz de modo sistemático. “isso vem com o tempo...” dizem as mais antigas. Dessa forma, através de um hábito lentamente adquirido, o saber da yawô incrusta-se no mais profundo de seu ser (COSSARD, 2008, p. 183).

Os ensinamentos recebidos vão determinando a organização do dia a dia do terreiro, a vestimenta, como a baiana⁶, um elemento litúrgico simbólico, fundamental. “Porque se vestir adequadamente com o seu gênero traz a sensação de incluída, respeitada, menos perseguida”. O que pode parecer uma coisa banal, mas que reafirmava a toda hora uma violência simbólica e efetiva do preconceito.

“O Candomblé é uma religião oral, todo mundo modifica todo mundo, cada casa é diferente, todo mundo faz um *borí*⁷ diferente, todo mundo faz um *ebó*⁸ diferente. Ninguém segue uma regra a si, mas isso vocês não colocam o dedo na ferida, mas porque uma mulher trans não pode se vestir”.

A roupa é um problema sim, um problema imenso inclusive. É parte integrante da identidade do ser. Que lhe era violenta e silenciosamente negada com um pretexto que nada tinha a ver com a liturgia sagrada da religião e sim por conta das pessoas que fazem a religião e utilizam dela para repassar não só saberes litúrgicos, mas sociais, políticos, culturais e com isso também a transmissão do preconceito e dos valores.

Importante desta narrativa é que com toda a valorização e afirmação dos corpos e de suas vestimentas, dentro da pretagogia é também cientificar e validar que a ciência de preto, para preto e branco, confirma a pluralidade e multiplicidade contida e necessária dentro da cosmovisão africana (SILVA, 2013).

Pessoas trans são frequentemente rejeitadas dentro das suas próprias casas, dentro da própria família e que de certo modo também se normalizou esta conduta para dentro do

⁶ Saia litúrgica usada pelas mulheres durante os cultos e permanência no espaço sagrado do terreiro.

⁷ Borí - ritual oferecido à cabeça da pessoa, para fortalecimento espiritual.

⁸ Ebó - ritual oferecido ao corpo e espírito da pessoa, para fazer limpeza espiritual.

terreiro. Quando este incomoda e chega ao poder de ser rebatido, novos horizontes são traçados e frente a isso novas possibilidades se abrem. Quando se encontra sua própria voz e busca o conhecimento para rebater preconceitos infundados, nunca mais se cala e não mais irá aguentar as mesmas situações em silêncio.

Mesmo existindo o preconceito, mas pelo passo que as vestimentas hoje estão adequadas de acordo com sua identidade, passa a ser cada vez mais velado. Tendo em vista que no Candomblé, assim como a grande maioria das religiões seguem a ótica social de uma cultura binária, no qual classificamos as coisas e as pessoas. Deste modo, dualista ou não, a classificação das pessoas em personagens sociais é certamente uma maneira de controlar a experiência social e de reduzir sua ambiguidade (FRY, 1982).

Ela passa a cumprir e a vestir em todos os papéis sociais em acordo com sua identidade, mas ainda tem uma marca que fazem alguns apenas a “engolirem”, mesmo que usa performance não seja empecilho nenhum para realizar rituais sagrados de fé.

Por não mais se encaixar, na verdade por não mais conseguir conviver com uma transfobia velada. Uma conduta que recebia esses corpos, mas que não conseguia incluir devidamente essas pessoas. Tendo em vista, que uma prática reiterada de violência silenciosa que fazia a perpetuação e incômodo diário do convívio com o preconceito dentro do espaço sagrado do terreiro.

Por esse relato confirma-se a necessidade de problematizar as identidades de gênero dentro das instituições religiosas, que são grandes formadoras sociais. E o quanto pequenos atos geram grandes repercussões e transformam a realidade social tanto do indivíduo quanto da sua coletividade.

Pois quando trazemos à tona estes debates e as diversidades de forma simples e pública. Quando trazemos para o “claro”, proporcionamos uma visibilidade diferente da do “escuro” dos guetos, ruas e boates, não só no que diz respeito à claridade, mas também as diferentes possibilidades de sociabilidades que o claro/escuro e o dentro/fora podem construir (COELHO, 2012).

Honrada por ter “tido toda a coragem de meter o pé na porta e ter entrado mesmo, porque se não fosse assim, nenhuma de nos chegaria ao lugar que estou hoje aqui”. “E tenho medo muitas vezes depois da minha partida, afinal todo mundo vai partir, que tudo volte à mesma coisa, porque não existe uma luta”.

Este momento é emblemático, quando penso o quão importante é ter referências, pessoas que nos evidencie que é possível percorrer aquele caminho. De um modo firme e

forte que nos impulse para frente, mesmo sabendo que esse trajeto é difícil e muitas vezes solitário.

E nesta luta diária sobre afirmação e espaço, percebo o quão importante esta fala e esta luta narrada é pertinente e que não ocorre diferente dentro do terreiro, que seguimos a mesma lógica social externa, uma luta simbólica pela produção do senso comum ou, mais precisamente, pelo monopólio da nomeação legítima como imposição oficial – isto é, explícita e pública – da visão legítima do mundo social, os agentes investem o capital simbólico que adquiriram nas lutas anteriores e sobretudo o poder que detêm sobre as taxinomias instituídas, como os títulos (BOURDIEU, 2000).

Chegar ao terreiro hoje e colocar uma roupa destinada ao gênero feminino é a parte que faltava do quebra cabeça, para estar completamente conectada e realizada dentro da sua religião, corpo, mente e espírito. *“Era um direito que era arrancado de mim. Era tirado da minha pessoa enquanto ser humano, eu era julgada porque eles queriam e pronto, eles tinham o direito de tirar isso de mim e acabou-se, sem ter sentido, sem ter argumento”*.

Quando se pensa que a roupa é só um pano, não se imagina o quanto a vestimenta adequada pode mexer não só com a dimensão emocional do indivíduo, mas também como signo de sua afirmação social. Um reconhecimento público daquilo que já existe dentro de você e o que faz você se olhar e gostar do que ver.

Passou gel no cabelo para ficar bem curto e aí sim conseguiu se ver no espelho. Finalmente conseguiu se sentir bem, se gostar. Era a primeira vez entendeu que se sentir bem, se gostar. Era a primeira vez que aquela pessoa tinha o privilégio de ter vaidade (ZANELATTO, 2015, p. 60).

A busca por uma afirmação social e o respeito é preocupante inclusive para deixar um legado para as próximas gerações. Até que ponto esses avanços estão ocorrendo e até que ponto o silêncio a essas questões é uma falta de argumento como ficou bem elucidado na narrativa trazida?

E esse preconceito é trazido e internalizado tanto no discurso quanto nas práticas sociais de uma maneira tão naturalizada como acontece com o racismo, com a construção do medo em uma vida social que banaliza a violência como uma conduta natural que o próprio Estado promove. Neste sentido, trago uma pequena reflexão desta produção social do preconceito:

A confusão da negritude com o crime não ocorreu naturalmente. Ela foi construída pelas elites políticas e midiáticas como parte de um amplo projeto conhecido como Guerra às Drogas. Essa confusão serviu para fornecer uma porta de saída legítima para a expressão do ressentimento do animus antinegros – uma válvula de escape conveniente agora que as formas explícitas de preconceito racial estão estritamente condenadas. Na era da neutralidade racial, já não é permitido odiar negros, mas podemos odiar criminosos. Na verdade, nós somos encorajados a fazer isso (RIBEIRO, 2019 p. 102).

As conversas no terreiro precisavam acontecer de fato, parece que ainda existem vozes e assuntos que são presos. Muitas pessoas desejando fazer parte das casas de axé, mas ainda sem acolhimento e nem representatividade. Colocando em ênfase aqui a fala da própria narradora:

“é difícil porque eu não tenho voz. E quando eu tenho voz é como com você, é uma pessoa que não é do meu gênero, é como se fosse uma pessoa negra sendo representada por uma pessoa branca. Então não tem força, a sua palavra não tem o poder como a minha palavra, não tem o peso, porque a dor que eu sinto você não sente, por que sua dor é diferente da minha, entendeu, não é que não seja a mesma luta é que são dores diferentes entendeu. E eu não vejo elas levantando muito essa bandeira, neste sentido”.

Neste momento a narrativa foi trazendo a importância da representatividade, de você saber onde está e com quem está e aproveitar esses espaços para fortalecer vínculos e símbolos. O que nos faz pensar no papel político e social dos terreiros como espaço de formação e como o sacerdote pode influenciar positivamente ou negativamente esse processo, pois sua postura será definidor direto de instrumento de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra “violência simbólica” (BOURDIEU, 2000).

Neste sentido as vozes continuam a ser silenciadas, ou pelo menos não ouvidas devidamente. Dividir esse protagonismo ou ajudar alguém ainda a encontrá-lo é muito difícil na atualidade dentro dos próprios movimentos sociais e essa luta ainda é muito clara e necessária. Como trago em destaque nesta fala, cheia de frustração e protesto. “É muito comovente sabe, eu me sinto até feliz por algumas pessoas assim como você, como o *Babá Leo*, que me chamou para uma entrevista, que se preocupa com o resto das letras contidas na sigla LGBT, que não é só os gays, lésbicas, bissexuais, existem outras letras”.

O que me faz refletir sobre esses papéis sociais e que os ocupa e toda essa formação e manutenção do poder. Onde se percebe que a experiência social é severamente controlada pelas regras expressas nas representações. Na medida em que a percepção é forjada e

controlada pelas representações, a ação social vai se dá de certa forma por essas representações. Ainda que muitas vezes conflitantes e contraditórias, serão utilizadas na vida cotidiana para explicar, legitimar ou condenar determinadas ações (FRY, 1982).

Quanto mais vou me apropriando destas narrativas, vou entendendo como elas me atravessam e ensinam. O quanto ouvir o outro se faz importante para compreensão de entender e respeitar o outro, sabendo que cada um tem uma dor e uma necessidade específica. De modo que a coletividade e o terreiro de candomblé são construídos e formados por todas as identidades que pertencem àquele local, com seus sonhos e seus pesadelos, onde todas essas vozes e marcas definem não só o indivíduo mas edificam toda a sua coletividade.

Corroborando com este pensamento, reflito sobre estes processos educacionais que são vivenciados. “Quanto mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige de nós, tanto mais me convenço do dever nosso de lutar no sentido de que ela seja realmente respeitada” (FREIRE, 1997).

Neste sentido, a solução para os sacerdotes é educar, trazer o debate, ouvir, falar mais, principalmente ser voz. Trazer pautas e propor os assuntos e não esperar os fatos ocorrerem, para só daí pensar e refletir, os sacerdotes têm que estarem antecipados às causas, às políticas públicas e não só ao que dizem respeito a eles ou a maioria e sim a toda a coletividade e valorizando sempre a individualidade de todos que fazem parte do seu terreiro de Candomblé. Os sacerdotes são verdadeiros líderes, são professores e tem que desenvolver uma consciência cidadã na educação de seu povo.

Com esta narrativa me vem em mente um trecho específico que dá para refletir sobre esse processo de ensino e aprendizado. Entendo que nos terreiros não é só as lideranças que ensinam, pois é no coletivo que se forma.

[...] No entanto, na ausência dessa mãe, dei-me conta que possuía uma Avó Negra, aqui representada inicialmente pelos saberes ancestrais da cosmovisão africana que tive oportunidade de conhecer, ainda na infância, com aquelas pessoas negras; e também das leituras que fiz dos estudos desenvolvidos, tanto por militantes e pesquisadores/as pretos/as, e também de pessoas pertencentes aos movimentos sociais negros, acerca da história e cultura africana e afro-brasileira.

E foi assim, alimentando-me nos fartos seios de minha avó negra, que consegui desenvolver estratégias pedagógicas para que crianças e docentes produzissem conceitos positivados sobre o *ser negro/a*. Se, de um lado, os/as estudantes mostraram-se receptivos às propostas por mim lançadas, o mesmo não ocorreu com todas as educadoras, uma vez que uma delas assumiu desconhecer a história e cultura africana e afro-brasileira e ainda se declarou incapaz de auxiliar-me no planejamento e aplicação das referidas estratégias (SILVA, 2013, p. 193).

No Ceará ainda temos poucas pessoas transexuais no candomblé e uma só fala não consegue vencer sozinha. Não se tem um grupo, os sacerdotes não percebem que dá medo adentrar ao Candomblé, as casas de axé não são educadas para receber este público. Só depois que alguém transgênero chega à casa é que começa a se falar, a primeira voz é sempre a presença desde corpo e não da educação de quem lidera.

Só depois que se tenta entender e refletir, isso ainda em algumas casas de axé, na maioria não acontece esse diálogo. “*O candomblé não é só uma religião é uma instituição que inclui vários grupos e que todos os temas precisam ter que ser debatidos, para uma melhor qualificação enquanto ser humano*”. Parece que a única preocupação está em ter o maior número de fiéis para ajudar nas finanças e não se preocupar em observar como os valores educacionais destes fiéis estão sendo construídos.

Neste contexto, é interessante refletir que a educação recebida no terreiro deveria estar pautada por uma coerência e inclusão de todos, frente aos Orixás e pensar que desta forma se possibilita uma educação mais livre e libertadora. De modo, que:

[...] Fundando-se na certeza da importância, quer de si mesma, quer da liberdade dos educandos para a construção de um clima de real disciplina, jamais minimiza a liberdade. Pelo contrário, aposta nela. Empenha-se em desafiar-la sempre e sempre; jamais vê, na rebeldia da liberdade, um sinal de deterioração da ordem [...] Está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta [...] (FREIRE, 1997, p. 104).

Uma fala que traz muitos questionamentos, sabe-se que nenhuma comunidade acontece sozinha, principalmente ao se tratar de um terreiro de Candomblé. Todos são importantes e todos são necessários não só para fazerem os desejos dos deuses, mas também para a manutenção e ensinamento do cotidiano do espaço sagrado e na formação dos seus membros.

Todo terreiro tem um líder, um sumo sacerdote, chamado de *Babalorixá* se homem e *Iyalorixá* se mulher, pessoas que tem um dom especial, de além de compreender os mistérios das forças da natureza, modificá-la em benefício dos homens ainda tem o papel de educar seu povo (COSSARD, 2008).

Neste sentido, destacamos ainda:

“[...] Você pode compreender por que as sacerdotisas exercem grandes influência entre o povo. São as intermediárias dos deuses... Alguns

homens se deixam cavalgar e tornam-se sacerdotes ao lado das mulheres; mas sabe-se que são homossexuais. Nos templos, vestem saias e copiam os modos das mulheres e dançam como as mulheres [...]” (LANDES, 2002 p. 76 e 77).

O que me faz refletir ainda mais sobre a narrativa acima. Sempre que se fala em gênero nos textos é sempre relacionada à orientação sexual e quase nunca à identidade de gênero. O que me faz ter mais impacto a esse grito de voz, de afirmar que nós estamos aqui, que essa mulher trans trava essa batalha, sozinha, sem muita força e visibilidade.

7 PAUSA DRAMÁTICA SOBRE AS NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS

Quando você caminhar pelo mesmo caminho de pedras que eu, quando teus pés sangrarem assim como os meus, quando você cair nos mesmos locais que eu e levantar sorrindo da mesma forma que eu levantei, só aí, quem sabe eu te darei o direito de me julgar. Mas tu, tu não me julgarás, pois terá aprendido neste caminhar a respeitar todos que ali caminharam antes de ti e então dançará grato e feliz com teu Orixá, porque entenderá que feliz é aquele que tem um ancestral olhando por si. (provérbio africano)

Neste momento relato alguns dos atravessamentos compreendidos neste percurso acadêmico. Chego a um breve entendimento que dissertar é algo difícil, em um campo ainda inexplorado e necessário. O termo “pausa dramática” por mim aqui utilizado é meramente emblemático, para dizer que este trabalho alcança satisfatoriamente seu curso, mas que me deixa uma sensação de continuidade e um desejo ainda maior de continuar atravessando estas histórias, pessoas e vivências, para compreender melhor meu papel no mundo, no sacerdócio e na sala de aula.

Assim como na vida, a militância nunca acaba, nas artes o espetáculo não para e é exatamente o que me faz declarar que aqui não trato do fim, mas sim de mais um ato cênico que se encerra, mas já com o intuito de que um próximo será montado.

Esta travessia que foi tão dolorosa, sofrida, emocionante e repleta de aprendizados, me fazem perceber que vivo um fluxograma do ensino e aprendizado em toda e qualquer prática cotidiana seja no chão do terreiro ou da sala de aula. O que aqui por diversas vezes se confundiu, entrelaçou e caminhou de mãos dadas para um lugar que não sabia aonde iria me levar, mas sempre com a certeza de chegada a algum lugar.

Desta forma, percebo que o desenvolvimento deste trabalho tem como fonte motora a minha própria vida, sentimentos, cicatrizes e negritude, eu enquanto pessoa de pele não preta e líder no candomblé sou negro gente e minha educação é ancestral pautada nos ensinamentos místicos dos Orixás.

Em um formato nada eurocêntrico vivo essa dualidade ao longo de toda minha vida, e encontrei na teoria acadêmica um local de fala, um local para falar de mim, por mim e comigo, mas que me exige um rigor ainda maior, pois a forma que compreendo o saber também ainda não é totalmente aceito e compreendido por aqui.

Mas com a validação e respeitando todas as técnicas deste contrato social que envolve a pesquisa, o ensino e a extensão me reconecto com as práticas pretagógicas que tem um emaranhado de normas e sistemas que ratificam o saber e as epistemologias do sul como ciência. E eu como sempre gosto de nadar na contramão do fluxo, resolvi defini-la como meu referencial teórico para transitar neste trabalho.

Coloquei-me a difícil missão de absorver todas as práticas orais e cotidianas do terreiro, com debates explícitos e silenciados acerca das identidades que o constrói e decorri sobre todas essas narrativas e atos cênicos o conhecimento teórico das estratégias contidas na pretagogia, o que me permite hoje legitimar minha fala.

Ao analisar o trabalho como um todo, ratifico aqui que a maior dificuldade encontrada foi conseguir localizar e fazer com que as pessoas entendessem seus protagonismos e desejassem assim como eu narrá-los.

Percebi que o tema é bastante atual, inédito e relevante, frente que estes indivíduos existem e coexistem no espaço sagrado do terreiro. Porém, ainda se trata de uma pequena parte da população que se autodeclara candomblecista. O que colocou uma dificuldade extra para ser vencida.

Embora seja uma população relativamente pequena, a existência desses corpos no espaço sagrado dos Orixás, já denota a necessidade de pensar e refletir sobre todas as identidades que constroem aquele local e de que forma esta educação inclui e absorve seus membros e de que forma o respeito e aceitação a esta diversidade acontece, tendo em vista que a filosofia ancestral africana é para todos e de todos.

No caminhar do trabalho localizamos terreiros e pessoas transgênero convivendo e invisibilizando as relações de gênero e suas identidades. O que torna este trabalho extremamente pertinente e necessário. Neste trajeto, consegui demonstrar de forma nítida e ampla que não se questiona mais que as casas de axé são espaços formadores e promotores de educação.

No entanto, ficou marcado que alguns líderes e membros religiosos ainda criam debates e categorias frente à educação recebida, colocando alguns temas como tabu ou simplesmente negando sua existência pautado em uma ciência conservadora que não os fazem refletir sobre.

A produção do documentário mostra os percussores das vozes inquietantes que lutam não só por si, mas por todos. Que buscam mostrar sua existência e lutam pela efetivação de seus direitos silenciados. Que trazem o debate do quarto de santo, da sua relação mais íntima

com seus deuses ancestrais e mostram com seus corpos as suas necessidades e na sua fala ao se sentarem à mesa dizem: estou aqui, eu existo.

Este trabalho revela que na maioria dos terreiros as relações de gênero e suas identidades ainda é uma pauta secundária, e que sua educação e propostas de reflexão ocorrem à medida que se deparam com uma situação específica, e que sua inclusão ainda está muito no campo dos valores pessoais e morais, sem muita fundamentação teórica, nem filosófica ou religiosa que retrate de fato qualquer impedimento para estes assuntos serem tratados e levados enquanto pauta para a vida e o cotidiano da tradição dos Orixás.

Ratifico aqui neste momento que este trabalho não tem interesse nenhum de julgar, questionar ou interferir em nenhuma prática litúrgica de qualquer casa de axé. A proposta é justamente deixar claro que o candomblé é uma religiosidade agregadora e que os Orixás aceitam e incluem a todos com um sentimento fraterno e de profundo acolhimento. O que torna ainda mais pertinente a realização deste trabalho, pois educar seu povo é uma prática cotidiana dos terreiros que vive e busca um processo de evolução diário, que para tanto se faz necessário refletir e repensar a sua própria política educacional religiosa local.

Apresentei aqui bem menos narrativas do que gostaria, porém aprendi neste percurso que tratar com histórias de vida envolve pessoas e que trabalhar com narrativas tão sensíveis e ainda tão socialmente silenciadas faz com que o acesso e a promoção deste protagonismo sejam ainda mais complexos.

Desde os primeiros contatos e as primeiras investidas sempre era dito que nem todos queria falar, utilizamos várias técnicas para deixar as pessoas o mais à vontade possível e mesmo assim não obtivemos êxito. Foram todos muito sutis, mas sempre o marcar e o remarcar, o fez trazer apenas as narrativas que tinham que estar aqui presente e fincadas para sempre nesta nova construção de memórias compartilhadas.

Mas como tratamos de religião de matrizes africanas, o candomblé, entendo que tudo acontece mediante a autorização do Orixá: *“não se cai uma folha daquela árvore se o Orixá não permitir e que Exú matou o pássaro ontem com a pedra que atirou hoje”* (provérbios africanos).

O que me possibilita afirmar que mesmo fazendo menos escuta do que desejava, fiz escutas sensíveis que responderam o quanto os corpos clamam por respeito, os ritos incluem a todos, o problema das relações de gênero e os sacramentos religiosos estão pautados na falta de conhecimento educacional e a educação é capaz de transformar e transmutar essas relações.

O candomblé pode ser transgenalizado e este público-alvo tem a acrescentar uma beleza multifacetada à magia dos Orixás, na certeza que esses deuses oriundos da natureza fazem questão de todos que tem amor e fé no coração.

Ficou evidente que a opção de narrar essas biografias foi a melhor e mais sábia escolha que abracei em uma linda conversa pessoal com meu orientador em uma roda de rapé faltando uma semana para minha banca de qualificação, ele sugeriu e eu prontamente me joguei. Não teríamos chegado a relatos tão precisos com outro tipo de método. Tendo em vista cada vez mais que quem escolhe o método é o objeto e não o pesquisador.

Sem falar que mudar a perspectiva sobre o olhar transgenalizador foi fundamental. Perceber primeiro essas vozes e entender que elas antecedem inclusive a voz dos líderes neste espaço sagrado do terreiro foi fundamental para questionar a postura das lideranças que têm o papel sociopolítico de educar a todos frente ao espaço religioso, análise esta permitida depois de escutar as inquietações de quem vive na pele essa dor todos os dias de transgenalizar o candomblé no seu corpo.

E na última respiração entre a última fala e a pausa final para este momento deixo aqui o registro endereço deste incrível documentário chamado “Uma voz trans no Candomblé” que nasce como fruto desta pesquisa, então para que o acesso não só meu ou os envolvidos neste projeto, mas para que qualquer pessoa possa acessar e revisitar sempre que necessário os estudos destas narrativas de atravessamentos trazidas até aqui.⁹

Pausamos dramaticamente aqui esta dissertação para afirmar a validade deste estudo, laborando a rica contribuição científica da pretagogia que com todo seu rigor técnico científico me fez dar conta de ter uma base teórica para sustentar e fundamentar meu trabalho, assim como reafirmar que todas as travessias metodológicas tiveram substanciado nas narrativas (auto) biográficas, o que me permitira chegar a uma saturação sensível nas escutas permitidas, fazendo uma análise de todas as informações, na certeza que este estudo não se encerra aqui e nem em si. Que todas essas práticas e vivências vão atravessar e transitar muito, evoluindo e melhorando a cada dia para si e para toda a coletividade.

⁹ Endereço do documentário UMA VOZ TRANS NO CANDOMBLÉ. <https://youtu.be/fKyTl-prLOg>

REFERÊNCIAS

- ALVES, Alda Judith. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação**. Caderno de pesquisa. Página 53-61. Ed. Maio. São Paulo. 1991.
- ANJOS, Juliane Olivia dos. **As joias de Oxum: as crianças na herança ancestral afro-brasileira**. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, 2016.
- ATAIDE JUNIOR, Adelson Cezar. **Iyá Ejité: Educação e saberes da experiência em uma casa de Candomblé**. Belém: Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Pará, 2017.
- BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. **Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária**. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba. p. 329 – 341. 2011.
- BARROSO, Gisele Nascimento. **Educação e tradição de crianças e adolescentes praticantes do candomblé Ketu, os èwe do ofá Kare**. Belém: Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Pará, 2016.
- BERUTTI, Eliane Borges. **Gays, Lésbicas, transgenders: o caminho do arco-iris na cultura norte-americana**. Ed. UERJ. Rio de Janeiro, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- _____, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kuhner. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 4ª ed. 2012.
- CAPES, Ministério da Educação. **Produção Técnica – grupo de trabalho**. Brasília. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. 2019.
- COELHO, Juliana Frota da Justa. **Ela é o show: performances trans na capital cearense**. Ed. Multifoco. Rio de Janeiro, 2012.
- COSSARD, Gisèle Omindarewá. **Awô: o mistério dos Orixás**. Ed. Pallas. 2ª ed. Rio de Janeiro, 2008.

- COSTA, Renata Silva da. **Iniciação religiosa e processos educativos no Terreiro de Candomblé Jeje Ilê Asé Gunidá**. Belém: Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Pará, 2018.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2ª ed. Porto Alegre. 2007.
- CUNHA JUNIOR, Henrique. NTU. In: Revista Espaço Acadêmico. n. 108. P. 81–92. Maio. 2010.
- EVANGELISTA, Lázaro de Oliveira. **Religião de matriz africana / afro-brasileira: Lócus de resistência, acolhimento e educação**. Porto Alegre: Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Direitos Humanos e Educação Libertadora**. Org. Ana Maria Araújo Freire e Erasto Fortes Mendonça. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz & Terra. 2ª ed. 2020.
- _____. Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Terra e Paz. 2ª ed. 1997.
- FRY, Peter. **Para inglês ver**. ed. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1982.
- GALLICIANO, Vania. **Candomblé, práticas educativas e as relações de gênero no espaço social onde filhas e filhos de santo aprendem e ensinam por meio da oralidade**. Guarapuava: Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2015.
- IFADIREÓ, Miguel Melo; SILVA, Isaac de Oliveira Magalhães e. **Interseccionando discursos sobre travestis e mulheres transexuais no Candomblé: à luz da filosofia ancestral africana**. Ano XVIII. p. 31-45. Janeiro. 2019.
- LANDES, Ruth. **A Cidade das Mulheres. Rio de Janeiro**. Ed. UFRJ. 2ª ed. 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação – Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Rio de Janeiro. Ed. Vozes. 6ª ed. 1997.
- _____. **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte. Ed. Autêntica. 2ª ed. 2000.
- _____. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. In: Revista Pro-Posições. Vol. 19. n. 2 (56). Maio/Agosto. 2008.

MACEDO, Yuri Miguel; MAIA, Claudia Braga; SANTOS, Mariana Fernandes dos. **Pedagogia de terreiro: Pela decolonização dos saberes escolares.** DOI: <https://doi.org/10.31512/vivencias.v15i29.9>. Revista Vivencias. V. 15. N. 29. P. 13-25. 2019.

MELO, Miguel Ângelo Silva de Melo; GOMES FILHO, Antoniel dos Santos; BEZERRA, Sayron Rilley Carmo; SILVA, Isaac de Oliveira Magalhães e. **Travestis e Mulheres Transexuais no Candomblé Cearense sob o prisma dos Direitos Humanos.** In: VIII Seminário Internacional de Direitos Humanos da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2014.

_____. **LGBTfobia na tradição religiosa Iorubá do Ifá: especulações e práticas da heteronormatividade.** Odeere: Revista do Programa de pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade. UESB. Vol. 3. p. 94. 2017.

MISSE, Michel. **O estigma do passivo sexual.** Achiamé. 2ª ed. Rio de Janeiro, 1981.

MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Ed. Vozes. 29 ed. Petropolis – RJ, 2010.

NÓBREGA-TERRIEN, S.; TERRIEN, J. **Os trabalhos científicos e o estado da questão:** reflexões teórico-metodológicas. Estudos em avaliação educacional, v.15, n.30, jul.-dez. 2004.

NOGUEIRA, Sidnei Barreto. **Intolerância Religiosa.** Feminismos plurais. São Paulo: Sueli Carneiro. Ed. Jandaíra. 2020.

OLINDA, Ercília Maria Braga de; PAZ, Renata Marinho. **Narrativas Autobiográficas e Religiosidade.** Fortaleza. Ed. UECE. 1ª ed. 2020.

OLIVEIRA, Arlene Gomes de. **A educação nos terreiros de Caruaru/Pernambuco:** Um encontro com a tradição africana através dos orixás. Caruaru: Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Pernambuco, 2014.

PEREIRA, Máira Conceição Alves. **Redes Educativas no Terreiro Ilê Omidayê:** uma pesquisa com os cotidianos na cibercultura. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

PORDANOV, Cleber Cristiano; Ernani Cesar de FREITAS. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** Ed. Universidade FEEVALE. 2ª ed. Rio Grande do Sul, 2013.

QUIRINO, Glauberto da Silva; ROCHA, João Batista Teixeira de. **Sexualidade e educação sexual na percepção docente**. Educar em Revista. n. 43. p. 205-224. 2012.

_____. **Prática docente em sexualidade e educação sexual no espaço escolar**. Curitiba: Paraná. Ed. Appris. 2014.

_____. **Reflexões sobre Masculinidades e Feminilidades na religião negra: o caso do Candomblé**. In: Mesa Redonda do VIII Artefatos da Cultura Negra. Local: Universidade Federal do Cariri (UFCA). p. 1-12. Realizada em 28 de Setembro de 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo. Companhia das Letras. 1ª ed. 2019.

SALDANHA, Monise Campos. **Saberes afro-amazônidas: As narrativas Iorubá sobre a orisá Oxum como fonte educativa**. Belém: Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Pará, 2017.

SANFILIPPO, Lucio Bernardo. **Aguéré caminhos de transbordamento na afro-diáspora**. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

SANTOS, Ademir Barros. **Fundamentos da circulação de saberes nos espaços religiosos de matriz africana: Análise no Ilê Aleketu Asè Omô Logunédè**. Sorocaba: Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba, 2018.

SILVA, Geranilde Costa e. **Pretagogia: construindo um referencial teórico-metodológico, de base africana, para a formação de professores/as**. Tese (doutorado) Universidade Federal de Fortaleza. Fortaleza, 2013.

SILVA, Isaac de Oliveira Magalhães e; MELO, Miguel Ângelo Silva de; SILVA, Cícera Rosana da; DIAS, Karollyne Magalhães. **Direitos Humanos e movimentos sociais um enfoque sobre a (in) tolerância religiosa**. In: Revista Interfaces Saúde, Humanas e Tecnologia. Vol. 3 (11). p. 13-17. 29 de Julho de 2016.

SILVA, Marta Ferreira da. **Ìtàn – oralidades e escritas: um estudo de caso sobre cadernos/diários e outras escritas no Ilê Aşé Omi Larè Ìyá Sagbá**. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

ZANELATTO, Marcia. **Thammy: nadando contra a corrente, cartografia de uma transexualidade**. BestSller. 2ª ed. Rio de Janeiro, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado/a Sr/Sra:

Eu, **Isaac de Oliveira Magalhães e Silva**, inscrito no RG nº 2002009033642, CPF:025.882.713-08, aluno do Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri, sob orientação do Prof. Dr. Glauberto da Silva Quirino, estou realizando a pesquisa intitulada “Educação de transgêneros no candomblé: narrativas (auto) biográficas, que tem como objetivo geral analisar a educação no terreiro de candomblé a partir de narrativas (auto) biográficas.

Dessa forma, preciso de sua autorização e colaboração para participar desta pesquisa.

Desde já, dou-lhe a garantia de que as informações obtidas serão apenas para realização do estudo, e também, lhe asseguro que sua participação não é obrigatória. Assim, a qualquer momento o/a senhor/a poderá desistir e cancelar seu consentimento e a sua participação no estudo. Será garantida a sua privacidade e a proteção de sua imagem. Riscos de constrangimento e/ou exposição emotiva na sua participação, serão solucionados pelo pesquisador com o esclarecimento de dúvidas, assim como a contínua disponibilidade das mesmas em reduzir tais riscos, como preconiza a Resolução Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Sua participação é voluntária, portanto, não haverá remuneração.

Caso apresente alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa, procurar Isaac de Oliveira Magalhães e Silva, no endereço: Av. Ministro Colombo de Souza, 604, Bairro Aeroporto, Juazeiro do Norte - CE. Telefone: (88) 99675-3717. E-mail: isaac.oliveira@urca.br

Se o(a) Sr.(a) estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma cópia deste termo.

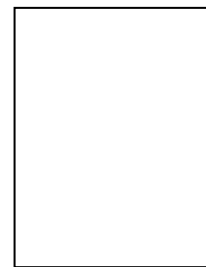
Termo de Consentimento Pós-esclarecido

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr(a) _____, portador(a) da cédula de identidade _____, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pela pesquisadora, ciente do que será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Juazeiro do Norte, _____ de _____ de _____

Assinatura do participante



Impressão dactiloscópica

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE REUNIÃO



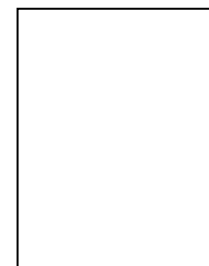
**GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE REUNIÃO

Eu, _____, profissão _____, inscrito/a no CPF de número _____, **AUTORIZO** ao Sr. Isaac de Oliveira Magalhães e Silva, professor, mestrando, inscrito no CPF 025.882.713-08, a gravar as reuniões que acontecerão durante a elaboração da pesquisa, em imagens e sons, para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem quaisquer ônus e restrições.

Juazeiro do Norte, ____ de _____ de _____.

Assinatura do/da participante



Impressão dactiloscópica

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA



**GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

Roteiro de entrevista

Dados de identificação:

Nome:

Idade:

Profissão:

Naturalidade:

Município de residência:

Estado civil:

Identidade de gênero:

Identidade sexual:

Tempo de iniciação no Candomblé:

- 1 – Você poderia me contar sobre os processos para você se reconhecer como uma pessoa transgênero?
- 2 - O que significa o candomblé para você?
- 3 - Fale-me sobre como as pessoas do terreiro de candomblé te reconhecem em relação a você ser uma pessoa transgênero.
- 4 - De que forma ocorrem as discussões sobre gênero dentro do terreiro de Candomblé?
- 5 - De que modo você entende as pessoas transgêneros dentro dos fundamentos religiosos do Candomblé?

ANEXOS

UNIVERSIDADE REGIONAL DO
CARIRI - URCA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO DE TRANSGÊNEROS NO CANDOMBLÉ: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

Pesquisador: Isaac de Oliveira Magalhaes e Siva

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 50329321.0.0000.5055

Instituição Proponente: Universidade Regional do Cariri - URCA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.964.465

Apresentação do Projeto:

O presente ensaio busca fazer um diálogo entre a educação de transgêneros recebida no terreiro de Candomblé a partir das suas narrativas autobiográficas. Um debate necessário tendo em vista que a pluralidade religiosa contida no estado do Ceará, que contribui para a formação do ser.

Entendemos que o terreiro é um espaço de formação. Neste sentido, deve compartilhar saberes com outras estruturas de construção dos indivíduos,

exemplo a escola. Onde os conhecimentos são adquiridos por meio da educação africana que ocorre dentro do terreiro. Que capacita, constrói e

educa esses corpos que são religiosos, mas também são sociopolíticos. Participarão do ensaio pessoas que se identificam enquanto transgêneros e

que são pertencentes ao Candomblé nos municípios de Fortaleza e Juazeiro do Norte. Este ensaio tratar-se-á de uma pesquisa de narrativa

autobiográfica, com abordagem qualitativa. Divida em duas fases que constará a primeira delas a exploratória, com método bola de neve, para

identificar o público alvo e sua compreensão da temática; a segunda desenhará uma autobiografia destes participantes, seguindo uma modalidade

de narrativas da experiência religiosa, com uma forma de análise cênica valorizando as suas subjetividades, memórias e vivências enquanto

Endereço: Rua Cel. Antônio Luiz, nº 1161

Bairro: Pimenta

CEP: 63.105-000

UF: CE

Município: CRATO

Telefone: (88)3102-1212

Fax: (88)3102-1291

E-mail: cep@urca.br

UNIVERSIDADE REGIONAL DO
CARIRI - URCA



Continuação do Parecer: 4.964.465

indivíduos. Todo o processo de pesquisa acontecerá de forma agendada, podendo ocorrer de forma remota ou presencial de acordo com a disponibilidade dos participantes

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Objetivo geral Analisar a educação de transgênero no terreiro de Candomblé a partir de narrativas autobiográficas. Objetivos específicos Apresentar a compreensão cênica das narrativas autobiográficas de transgêneros sobre a educação recebida no terreiro de Candomblé. Compreender a dinâmica das relações de gênero nos terreiro de Candomblé

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos decorrentes da participação na pesquisa são mínimos e estão relacionados ao possível constrangimento em participar das reuniões online, ou aborrecimentos por problemas técnicos, os quais serão minimizados a partir da utilização de plataformas virtuais já utilizadas pelos/as participantes, e também, através do agendamento dos encontros virtuais, que respeitarão a disponibilidade e preferências de data e horários dos/as participantes.

Benefícios:

São apontados como benefícios esperados com o estudo: a implementação de uma proposta de efetivação de direitos e compreensão de si e da sua relação com a religiosidade sobre a temática das relações de gênero, que possibilitará o desenvolvimento de capacidades importantes para o trato pedagógico da educação recebida nestes espaços de formação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Relevante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo de conclusões.

Recomendações:

Vide campo de conclusões.

Endereço: Rua Cel. Antônio Luiz, nº 1161
Bairro: Pimenta **CEP:** 63.105-000
UF: CE **Município:** CRATO
Telefone: (88)3102-1212 **Fax:** (88)3102-1291 **E-mail:** cep@urca.br

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO
CARIRI - URCA**



Continuação do Parecer: 4.964.465

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Enviar o relatório parcial e final do estudo conforme as Resoluções 466/12 e 510/16.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1800783.pdf	17/08/2021 11:50:12		Aceito
Outros	Instrumento.pdf	17/08/2021 11:46:34	Isaac de Oliveira Magalhaes e Siva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	17/08/2021 11:46:13	Isaac de Oliveira Magalhaes e Siva	Aceito
Outros	PedidoDeDispensa.pdf	29/07/2021 11:30:35	Isaac de Oliveira Magalhaes e Siva	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	29/07/2021 11:28:58	Isaac de Oliveira Magalhaes e Siva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	29/07/2021 11:28:40	Isaac de Oliveira Magalhaes e Siva	Aceito
Outros	Tcgr.pdf	29/07/2021 11:25:05	Isaac de Oliveira Magalhaes e Siva	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	29/07/2021 11:23:05	Isaac de Oliveira Magalhaes e Siva	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	29/07/2021 11:22:14	Isaac de Oliveira Magalhaes e Siva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CRATO, 11 de Setembro de 2021

Assinado por:
cleide correia de Oliveira
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cel. Antônio Luiz, nº 1161
Bairro: Pimenta **CEP:** 63.105-000
UF: CE **Município:** CRATO
Telefone: (88)3102-1212 **Fax:** (88)3102-1291 **E-mail:** cep@urca.br